

# **João José Santos**



**Identidade e presença de  
Camilo Castelo Branco  
em *Do País da Luz***



**[www.karavelo.net](http://www.karavelo.net)**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespirita.org](http://www.ebookespirita.org).



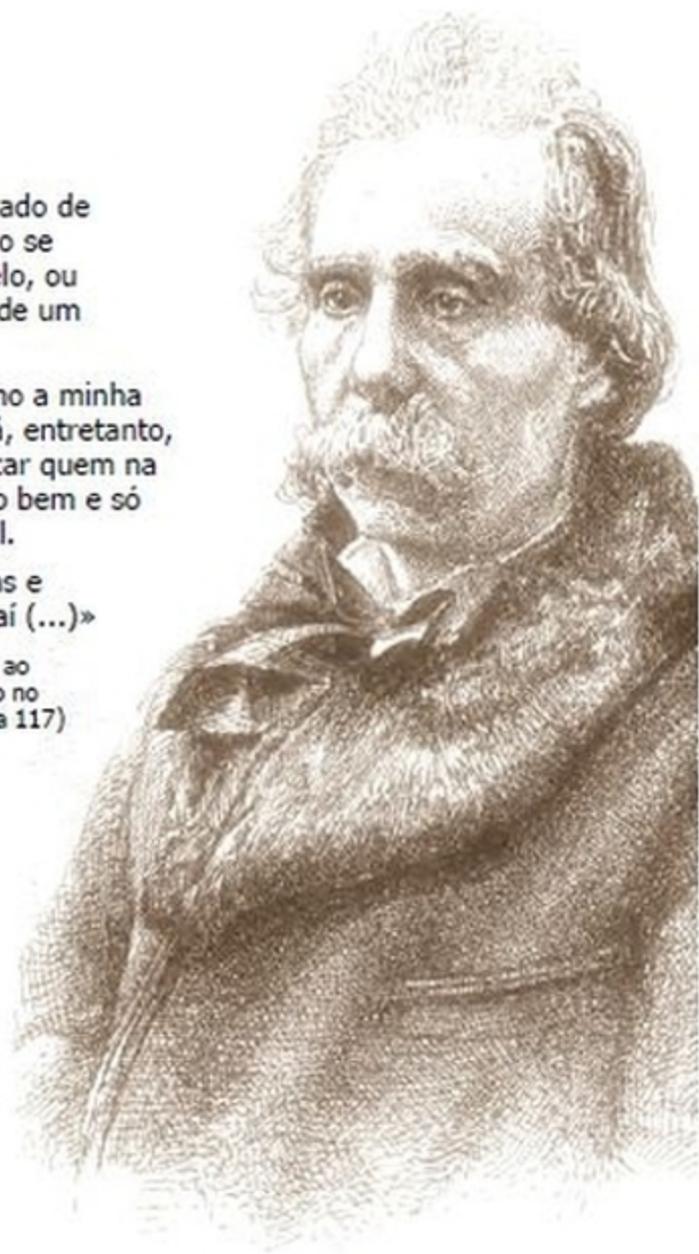
[www.ebookespirita.org](http://www.ebookespirita.org)

«Entrou aqui num estado de sereno espanto. Foi como se acordasse de um pesadelo, ou emergisse da superfície de um pântano.

Hoje, se não está como a minha amizade o apetecia, está, entretanto, tão feliz quanto pode estar quem na Terra só cuidou semear o bem e só conseguiu recolher o mal.

Não veio purgar culpas e desacertos. Assaz o fez aí (...)

Camilo-espírito referindo-se ao acordar do amigo Silva Pinto no mundo espiritual. (da página 117)



[www.karavelo.net](http://www.karavelo.net)

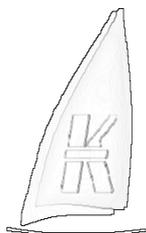


**João José Santos**

**Este livro foi disponibilizado pelo autor e pela editora para distribuição gratuita apenas em formato electrónico. É proibido imprimi-lo por qualquer processo.**

**Se gostou do livro e quer colaborar com o escritor e a editora, envie o seu donativo ou adquira a versão em papel. Peça informações em [lakaravelo@gmail.com](mailto:lakaravelo@gmail.com)**

Identidade e presença de  
Camilo Castelo Branco  
em *Do País da Luz*



**La Karavelo**

© 2011, João José Mendes Quitério dos Santos (Portugal)

lakaravelo@gmail.com

**www.karavelo.net**

**Título: Identidade e presença de Camilo Castelo Branco  
em *Do país da luz* (versão 3)**

**Género:** ensaio espírita

**Autor:** João José Santos (Portugal)

**Editora:** o autor (La Karavelo)

**Edição:** o autor

**Revisão da versão em português:** Rosalina Xarepe (Portugal)

**Revisão da versão em esperanto:** Paulo Sergio Viana (Brasil)

**Prefácio:** Manuela Vasconcelos (Portugal)

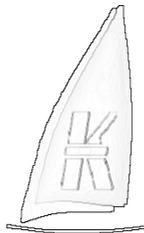
**Línguas:** português

**ISBN:** 978-989-96312-7-4

**Depósito Legal na Biblioteca Nacional de Portugal:** 334392/11

*As edições em Português e em Esperanto são vistas como as versões originais, de igual valor, uma vez que são ambas do autor.*

*Esta edição é oferecida em formato electrónico (pdf e epub) e vendida em papel.*



**La Karavelo**

## Atenção!

**1. Este livro é editado para amigos e não tem lucros comerciais.** Agradecemos a colaboração de todos os que intervieram de algum modo na sua concepção, por terem disponibilizado gentilmente o seu trabalho, sem receberem compensação monetária, apenas por amor à cultura.

**2. Nenhuma parte deste livro pode ser copiada por qualquer processo,** sem o consentimento escrito do detentor dos direitos de autor. Os direitos de autor são protegidos automaticamente pelas leis portuguesas e da União Europeia. O seu desrespeito é crime público, punido por lei. Isto aplica-se não só à versão em papel, como também às versões electrónicas.

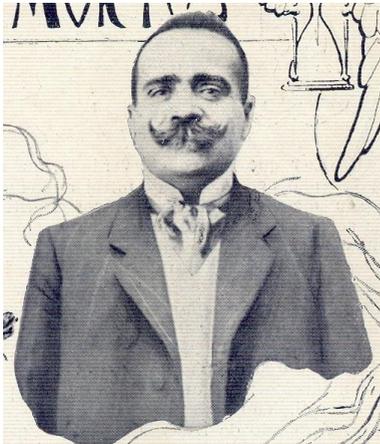
**3.** Este livro foi todo concebido com **software livre** e gratuito, principalmente com o *LibreOffice*.

**4.** *La Karavelo* e João José Santos **não usam** o chamado **Novo Acordo Ortográfico**, na redacção de textos em Língua Portuguesa.

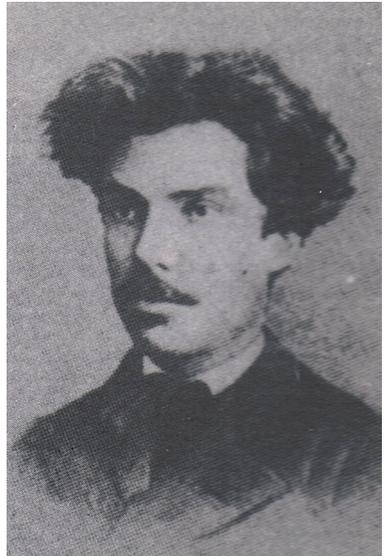
**5.** Opiniões e sugestões: **[lakaravelo@gmail.com](mailto:lakaravelo@gmail.com)**



*Camilo Castelo Branco*  
(1825-1890)



*Fernando de Lacerda*  
(1865-1918)



*Silva Pinto*  
(1848-1911)



*Yvonne do Amaral Pereira  
(1900-1984)*

### **Dedicatória**

À Yvonne do Amaral Pereira, princesa das letras espíritas,  
com o meu afecto e eterno agradecimento.

*João José Santos*

# Índice

Prefácio.....	7
Introdução.....	10
1. Camilo C. Branco e Silva Pinto - contexto histórico.....	14
2. O trabalho da espiritualidade superior.....	16
3. Provas variadas da identidade de Camilo-espírito.....	18
a) Honorabilidade e opinião do médium.....	19
b) Opinião de Silva Pinto.....	22
c) Opinião de outras individualidades da época.....	23
d) Camilo-espírito em <i>Do país da luz e</i> <i>Memórias de um suicida</i> .....	24
e) Acerca da análise grafológica das mensagens.....	25
f) Personalidade de Camilo antes e depois de desencarnar.....	26
4. Análise literária da 1. <sup>a</sup> carta de Camilo a Silva Pinto.....	27
5. As outras cartas de Camilo.....	47
Conclusão.....	62
<i>Índices da obra Do país da luz</i> .....	67
Índice por volume.....	67
Índice por autor.....	76
Bibliografia (fundamental).....	85
<i>João José Santos</i> (o autor).....	86
Edições de <i>La Karavelo</i> .....	86

---

# Prefácio

## I

Embora escreva muito para ser lida por terceiros, nunca escrevi um prefácio... intróitos, sim, nos meus próprios livros. É-me difícil, muito difícil mesmo, prefaciara uma Obra escrita por alguém muito mais capaz do que eu, que sou apenas uma simples escrevente e não tenho habilitações literárias nem iguais nem idênticas às de quem escreveu este Opúsculo, que li atentamente, gostando da análise do Autor ao trabalho conjunto de Fernando de Lacerda e do escritor Camilo Castelo Branco.

Do meu livro, ficou-me um carinho muito grande pelo médium português que, hoje em dia, como Espírito, faz o favor de, por vezes, muitas vezes, estar presente nos trabalhos da "Comunhão Espírita Cristã de Lisboa". Creio que a minha Obra conseguiu, mais que qualquer outra coisa, angariar-me um Amigo Espiritual, daqueles que referimos com maiúscula e com quem sempre podemos contar. Tê-lo dado a conhecer, foi uma oportunidade que penso ser mérito do Alto, que não meu: se não houvesse interesse em o revelar, a minha pesquisa teria sido infrutífera; então, prefiro considerar-me, apenas, como instrumento.

Houve, ainda, um outro motivo que, penso, me motivou: o facto do Fernando ser português e não o ver reconhecido no seu próprio País: o Portugal que ele tanto amou!, enquanto quase que vamos "adorando" os estrangeiros que nos visitam...

Na época em que comecei a pesquisa, e perguntei quem tinha sido o Fernando de Lacerda, ninguém me soube responder; depois, alguém me referiu o homem macaco, mas sem explicar convenientemente os factos, e por aí se ficou! E se eu sou muito curiosa, por um lado, por outro, gosto muito de saber a justiça sempre bem aplicada!... E com o Fernando, havia necessidade de o dar a conhecer e de se lhe fazer justiça.

Nas mensagens que ele dita para a Terra, como na maneira como continua, ainda hoje, a assistir aos nossos irmãos suicidas, nós continuamos a encontrar nele o filantropo sempre preocupado em "amar o seu próximo como a si mesmo".

Pensamos que nós, o João, todos os que nos lerem, onde quer que uns e outros se encontrem, o melhor que podemos fazer será sempre seguir o exemplo dos que nos precederam e nos orientam, ainda hoje, *a caminho da Luz!*

## II

Referindo, agora, o trabalho do Prof. João Santos, que é o que importa aqui, penso que ele é importantíssimo para o aceitar-se, ou não, a psicografia do médium - por um lado; por outro, o aceitar-se, também - principalmente os mais descrentes - a Vida que continua...

Há mistificação nestas mensagens? Não. O seu autor está lá, em cada frase grafada embora, como o João afirma, fazerem falta os originais para um mais preciso termo de comparação. Mas, faltando ou não, quem se debruce sobre a Obra camiliana encontra o seu Autor nas palavras transmitidas através do médium - que recusou sempre, apesar de assim ter sido aconselhado por diversas pessoas, a dizer-se o autor das mesmas.

Então, concluímos, a psicografia que Fernando de Lacerda vem apresentando, há mais de um século, em palavras e frases que não foram só para que "no momento acordassem os leitores", mas que ficaram para a posteridade, graças aos livros que as trouxeram até nós, as palavras de Lacerda afirmam-nos, também, que a VIDA CONTINUA e que continuamos, todos nós, "do outro lado", tão ricos espiritual e intelectualmente como o somos (fomos) aqui, nesta "morada da Casa do Pai" que o Senhor nos concede para nela procurarmos construir e aprofundar a nossa evolução.

Agradecemos ao Prof. João Santos (e ao Amigo) o trabalho dedicado que se propôs e que um dia, estamos certa, poderá concluir quando a F.E.B. se resolver a entregar à nossa Federação os originais das psicografias de então<sup>1</sup>.

Aguardemos, pois.

Muita paz para todos.

Com carinho,

**Manuela Vasconcelos<sup>2</sup>**

---

1 Entre a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> edição deste livro, a F.E.B. entregou finalmente à F.E.P. as almeçadas cópias a que Manuela Vasconcelos se refere, o que permitiu a esta autora organizar a obra *Mistérios do Além-Túmulo*, um grosso volume de 685 páginas, de 2014, com muitos textos de Lacerda que finalmente chegam ao público português.

2 **Manuela Vasconcelos** é a autora da obra *Fernando de Lacerda, o médium português*. Trata-se do estudo mais aprofundado que já foi feito sobre Lacerda e a sua obra: *Do país da luz* (4 volumes). O estudioso honesto, que queira compreender bem a vida e a obra de Lacerda, tal como o eco que essa obra mediúnica teve à época, tem que ler este livro da Manuela, que constitui um ensaio histórico e biográfico, feito com um grande respeito pela verdade dos factos, e devidamente enquadrado na perspectiva da doutrina espírita. Tê-la como amiga que não se fez rogada em aceitar o meu convite de escrever o prefácio deste opúsculo, honra-me e enternece-me.

O respeito aos textos de outros autores obriga-me sempre a não fazer qualquer tipo de emendas. O prefácio da Manuela aqui fica, tal e qual como ela o escreveu.

## Introdução

Este livro resultou da dissertação apresentada no *Seminário Fernando de Lacerda*, realizado pela *União Espírita da Região de Lisboa*, ocorrido no *Auditório da Faculdade de Medicina Dentária de Lisboa*, em 27 de Março de 2011.

Após a apresentação da dissertação, algumas pessoas mostraram interesse em adquirir o trabalho escrito, razão pela qual ele foi editado. A apresentação de trabalhos sérios em forma de livro continua a ser aquela que corresponde à dignidade que eles merecem. No entanto, na 3.<sup>a</sup> edição desta obra, ela surge também em formato electrónico de distribuição gratuita (ver a ficha técnica).

Uma vez que nem todos os leitores dispõem de cultura literária para entender alguns termos técnicos que são aqui usados, e outros não técnicos mas pouco frequentes, foram inseridas notas de rodapé para que o livro se torne acessível a um número maior de pessoas. O leitor tem assim a tarefa facilitada pois recorrerá menos vezes aos dicionários.

Diga-se de passagem que a consulta frequente de obras de referência é um excelente hábito, poderoso preventivo contra a doença de Alzheimer, eventualmente não comprovado por nenhum cientista, mas nem por isso menos acreditado pelos praticantes de tal desporto mental. Não são os textos que se devem apequenar, empobrecendo-se e reduzindo-se a um produto facilmente assimilável por todos; é o leitor que se deve agigantar, enriquecendo-se culturalmente, para poder entender os referidos textos.

As obras de grande qualidade literária e de grande sageza, como a primeira carta de Camilo a Silva Pinto na obra *Do país da luz*, são alimentos muito nutritivos, mas cada um só retira deles os nutrientes que consegue digerir. O objectivo deste trabalho é auxiliar o leitor a digerir alguns desses nutrientes, dando a conhecer as circunstâncias e o pano de fundo histórico em que os intervenientes se encontravam, estabelecendo relações entre os actores, a fim de que o drama seja compreendido numa dimensão

espiritual mais aprofundada do que aquela que se obtém de uma primeira leitura irreflectida do texto.

Na 1.<sup>a</sup> edição, escrevi:

«Este trabalho foi escrito segundo o *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*. Contudo, as citações da obra *Do país da luz* mantêm-se com a grafia da edição consultada. Pode ser que um dia, os originais da obra de Lacerda se encontrem à disposição dos estudiosos, que poderão então proceder à fixação do texto. À falta de uma edição de referência, é preferível citar a edição consultada sem modificações.»

Na 2.<sup>a</sup> edição, foram mantidos os textos citados com a ortografia da época de quando foram escritos, como na 1.<sup>a</sup> edição. Contudo, o *Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* revelou-se um desastre incoerente, e portanto o autor decidiu manter-se fiel à ortografia tradicional do português. Assim, nesta 2.<sup>a</sup> edição, revi toda a parte em Língua Portuguesa, fazendo as alterações necessárias.

A 3.<sup>a</sup> edição lança, como já referido, o formato electrónico da obra, em pdf e em epub. As alterações em relação à 2.<sup>a</sup> e à 1.<sup>a</sup> edições são mínimas. Por essa razão, na ficha técnica, foi dado o nome de 3.<sup>a</sup> versão em vez de 3.<sup>a</sup> edição. A maior alteração introduzida nesta edição foi a separação das edições em português e em esperanto. O autor, habituado a ler com proveito textos bilingues, cogitou que quem soubesse ambas as línguas beneficiaria da edição bilingue, e quem só dominasse uma delas, leria apenas a página par ou a página ímpar. Infelizmente, sabe Deus porquê, muitos leitores sentem-se incomodados por verem uma página numa língua que não dominam. Deste modo, até melhor opinião, passarei a fazer edições independentes para cada língua... embora sob protesto...

Pelo facto do seminário, que deu origem a este trabalho, ter ocorrido em Língua Portuguesa, e porque toda a bibliografia relativa ao assunto foi escrita originalmente em português, também esta obra foi escrita primeiramente nesta língua, e só depois traduzida para o esperanto pelo próprio autor. Durante o trabalho de tradução para esperanto, houve a necessidade frequente de se acrescentar

textos, o que obrigou o autor a rescrevê-los em português. Deste modo, o autor considera que ambas as versões, em esperanto e em português, são originais. De facto, a tradução feita pelo próprio autor nunca é uma tradução, mas a produção conjunta em ambas as línguas.

Publica-se esta obra em português e em esperanto porque o espiritismo não é propriedade dos povos latinos, mas uma doutrina capaz de levar todos os povos da Terra à compreensão da lição imperecível de Jesus Cristo. O esperanto não é apenas mais uma língua entre muitas outras. O serviço que o esperanto pode vir a prestar ao espiritismo é multifacetado, mas este não é ainda o espaço próprio para um maior desenvolvimento do assunto. Diga-se apenas que o espiritismo tem chegado a povos de línguas muito diferentes da Língua Portuguesa, como o húngaro e o japonês, graças ao trabalho de espíritas esperantistas que usam o esperanto como língua-ponte entre o original português e a sua língua natal. A obra *Do país da luz* ainda não está traduzida para esperanto, mas acreditamos que também essa obra um dia chegará ao mundo esperantista, e daí ela poderá ser traduzida para muitas outras línguas. Meditemos na frase de Jesus: "Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire (...)" (Mateus 5.15). Um dia, o esperanto retirará o alqueire, e a luz espírita poderá irradiar por todo o planeta, para todos os corações que estejam prontos para a absorver.

O esperanto não é só um código linguístico concebido com genialidade. Ele é também partilha de cultura, respeito por todos os povos e religiões, uma forma de conviver com todos os habitantes da Terra tendo por base a tolerância. Ora, não é este o denominador comum de todas as religiões? Os espíritas, conscientes de que o espiritismo necessita do esperanto para chegar a todos os povos, devem dar o exemplo, editando as obras na sua língua natal e em esperanto, para que a edição original possa gentilmente oferecer de imediato a possibilidade de verter a obra para qualquer outra língua, com o rigor, a facilidade e a beleza que só a língua de Zamenhof pode dar.

Agradeço o prefácio à Manuela Vasconcelos. Até hoje foi ela quem mais investigou a obra de Fernando de Lacerda. A sua obra *Fernando de Lacerda, o médium português* é não só necessária, mas fundamental para estudos posteriores sobre o assunto. Aqui ficam expressos os meus agradecimentos também a Rosalina Xarepe e a Paulo Sérgio Viana por terem revisto o texto em português e em esperanto, respetivamente. Agradeço também a Rui Marta, presidente da União Espírita da Região de Lisboa, que me convidou a apresentar a dissertação no referido *Seminário Fernando de Lacerda*.

Precisamente 100 anos após o desencarne de António José da Silva Pinto (1848-1911), surge este livro, sem que o autor o tenha conscientemente planeado, tendo saído do trabalho preparatório para uma palestra. Queira Deus e as boas almas que ele seja pelo menos tão útil aos leitores, quanto já me foi a mim mesmo.

**João José Santos**

## 1. Camilo Castelo Branco e Silva Pinto - contexto histórico

Começemos por nos referir à relação de amizade entre Camilo Castelo Branco e António José da Silva Pinto, uma vez que a obra *Do país da luz* se inicia precisamente com o esforço de Camilo em salvar o amigo Silva Pinto das garras da indignação, da revolta e do rancor, que certamente culminariam no suicídio.

Em 1906, Fernando de Lacerda bate à porta do escritor português Silva Pinto, apresenta-se certamente acanhado pelo facto da situação ser insólita e, com o devido respeito, diz-lhe que tem uma carta de um amigo para ele. A carta estava assinada com o nome "Camilo Castelo Branco", um dos mais notáveis escritores de todos os tempos, e grande amigo de Silva Pinto. O subinspetor da polícia Fernando de Lacerda lê a carta a Silva Pinto, que fica emocionado. A carta havia sido escrita por Camilo Castelo Branco em 1906, mas Camilo havia morrido em 1890. Tratava-se de uma mensagem espiritual enviada do além, endereçada a um amigo, para o salvar do suicídio.

Camilo e Silva Pinto acreditavam em Deus, e haviam conversado várias vezes sobre aparições. Ambos tinham tido experiências mediúnicas que os faziam suspeitar de que algo havia após a morte do corpo físico. Apesar disso, Camilo tinha-se suicidado em 1890, dezasseis anos antes.

Camilo e Silva Pinto conheceram-se em disputas literárias. Eram escritores que se envolviam com facilidade em polémicas sobre estilos, escolas, ética, etc., semeando inimizades ao longo da vida. Era hábito na altura, que os escritores se confrontassem em discussões sem fim.

Camilo e Silva Pinto esgrimiram argumentos e posições, mas algo inusitado havia de acontecer: descobriram que estavam do mesmo lado da barricada, e tornaram-se bons amigos. Passaram então a lutar contra inimigos literários comuns.

Camilo tinha nascido em Lisboa, mas vivia em São Miguel de Ceide, no norte do país, com a mulher, Ana Plácido, e com os filhos.

Silva Pinto era também de Lisboa, onde viveu a maior parte do tempo. Esteve em Espanha, onde combateu pelos republicanos contra os carlistas. Depois foi para o Brasil, por dois anos, numa tentativa vã de enriquecimento. Voltou a Lisboa, e por cá ficou até ao fim dos seus dias. Ele e Camilo visitaram-se bastantes vezes, apesar de viverem longe um do outro, e trocaram muitas cartas, que estão publicadas.

Silva Pinto venerava o amigo porque reconhecia em Camilo a genialidade, que muitos só souberam reconhecer muitos anos mais tarde. Após a morte de Camilo, foi Silva Pinto quem moveu montanhas para que fizessem um monumento ao grande escritor, e para que auxiliassem os netos de Camilo, que necessitavam de ajuda económica. Poucos são os portugueses que não conhecem o nome de Camilo Castelo Branco, e igualmente poucos são os portugueses que conhecem pelo menos o nome de Silva Pinto, que foi jornalista, dramaturgo e ensaísta.

Deve-se a Silva Pinto a publicação do único livro de poemas de um dos grandes poetas portugueses, Cesário Verde, de quem também foi grande amigo. Além das actividades jornalísticas e literárias, Silva Pinto dirigia a casa de correção de menores das *Mónicas*. Escreveu para muitos jornais, sempre envolvido em polémicas literárias. Generoso com os amigos e implacável com os adversários, colecionou inimigos durante toda a vida. Passados precisamente 100 anos da morte de Silva Pinto, mal se fala deste escritor português, e quando alguém o faz é para repetir algumas das injustiças de que ele se queixava.

Este trabalho dá alguma informação sobre o escritor Silva Pinto, uma vez que se trata de um quase desconhecido mesmo para os seus compatriotas. Acerca da biografia de Camilo não vale a pena dizer muito mais. O grande escritor é muito conhecido, e com facilidade se obtém informação detalhada sobre a sua vida e obra.

## 2. O trabalho da espiritualidade superior

Como é sabido a partir da obra de Yvonne Pereira, *Memórias de um suicida*, e da obra de Fernando de Lacerda, *Do país da luz*, Camilo-espírito vem visitar a Terra, pela segunda vez, após dezasseis anos de se ter suicidado. Não tendo onde pernoitar, lembra-se de Fernando de Lacerda que havia conhecido no mundo espiritual, nas viagens astrais que o médium fazia, enquanto o corpo físico dormia. Uma noite, está Fernando de Lacerda já quase a dormir, quando Camilo se aproxima dele e diz-lhe: «Tem paciência. Levanta-te e vai escrever.»

Fernando de Lacerda levanta-se e escreve tudo o que o escritor lhe quis ditar. O objectivo de Camilo era claro: ele queria dizer ao seu amigo Silva Pinto que a vida continua após a morte física, e que o suicídio não é, de modo algum, um remédio digno e eficiente para os males da vida, mas um crime com consequências mil vezes mais dolorosas do que as penas sofridas na Terra. Ele sentia-se responsável pela influência negativa que havia exercido no espírito de Silva Pinto, e não queria, de modo nenhum, que o amigo se suicidasse. Camilo conhecia bem Silva Pinto. Conhecia-o tão bem, que soube criar-lhe a dúvida no espírito, conseguindo convencê-lo da veracidade das suas cartas. Por outro lado, Silva Pinto conhecia bem o estilo de Camilo, o que o impossibilitava de refutar as cartas que este lhe enviava pela mediunidade de Lacerda.

Deste modo, a espiritualidade superior aproveita sabiamente as circunstâncias existenciais destes dois espíritos, para, através da extraordinária mediunidade de Lacerda, construir uma obra em quatro volumes, onde desfila uma galeria de personagens públicas, maioritariamente oriundas do meio literário português, que têm como traço comum o desejo de comunicar que continuam a existir, a amar e a progredir, apesar de terem perdido o corpo físico.

Não tenhamos a menor dúvida de que uma obra desta envergadura não surge do acaso, vindo apenas do impulso dos espíritos manifestantes. As características destas comunicações, a disponibilidade dos espíritos envolvidos, a evolução espiritual do médium e as potencialidades mediúnicas deste, levam-nos a pensar que, nos bastidores, estivessem espíritos muito mais esclarecidos do que os comunicantes, organizando e gerindo todo o processo de comunicação mediúnica, e protegendo os intervenientes da eventual perturbação que decerto ocorreria, se todo o processo não fosse supervisionado por entidades superiores.

Em 1908, o jornalista José Sarmento tem uma longa conversa com Fernando de Lacerda, e publica a entrevista no periódico *Ilustração Portuguesa*. A entrevista dá a impressão de que os espíritos estão à disposição do médium, pois aparecem-lhe em catadupa, escrevendo o que desejam, enquanto o médium conversa tranquilamente com o jornalista sobre outros assuntos. A grafia de cada entidade comunicante é diferente das outras, tal como o estilo e a assinatura, tornando o espírito facilmente reconhecível.

É evidente que se trata de um trabalho mediúnico previamente organizado pela espiritualidade superior, que o controla e protege, tendo o objectivo específico de difundir a crença na imortalidade da alma.

Qualquer estudioso de espiritismo dispõe da noção básica de que os espíritos não estão à nossa disposição quando nos apetece conversar com eles, e que tais trabalhos mediúnicos não se fazem displicentemente enquanto se conversa com um jornalista. Tais episódios da história da mediunidade espírita, que se encontram em abundância também em Chico Xavier, devem ser vistos não como exemplos a seguir, mas como situações de excepção. Kardec e outros pensadores espíritas deram-nos toda uma metodologia de trabalho que não deve ser questionada, ainda que a história nos dê contra-exemplos. Essa metodologia visa, em grande parte, proteger-nos a nós mesmos dos perigos de um relacionamento temerário com o mundo espiritual.

### 3. Provas variadas da identidade de Camilo-espírito

Antes de aludirmos directamente ao reconhecimento da identidade de um espírito, recorramos a uma analogia com uma situação mais simples. De que modo provamos a identidade de uma pessoa? Pedimos um cartão de identificação e ficamos satisfeitos com a prova de identidade. Contudo, os cartões de identificação são frequentemente alvo de falsificação. Então, a apresentação de um cartão de identificação não constitui uma prova infalível da identidade da pessoa. Se se trata de alguém que conhecemos, achamos que identificamos a pessoa com facilidade porque confiamos na nossa memória visual e auditiva. No entanto, esse também não é um método infalível, pois a memória falha, o identificado pode ter um irmão gémeo, e porque há pessoas muito parecidas. Métodos verdadeiramente científicos de identificação de um ser humano são a análise do ADN, a identificação da impressão digital e o estudo da íris. No entanto, todos nós nos movemos no mundo físico, cheios de certezas de que conhecemos as pessoas, sem a comprovação científica da identidade destas. Como faríamos então, se quiséssemos identificar um ser humano, de modo a que essa identificação fosse absolutamente infalível, sem recurso a testes de ADN ou a outros testes científicos? A resposta é simples. Em vez de confiarmos apenas num dos métodos apresentados, usaríamos uma combinação de métodos. Se o indivíduo a identificar correspondesse à imagem visual que tivéssemos dele, se uma terceira pessoa nos dissesse que “sim” que o conhecia, e ele ainda nos apresentasse um cartão de identificação, poderíamos ter uma certeza inabalável de que o indivíduo fosse aquele e não outro.

Para provar que as mensagens assinadas pelo nome Camilo Castelo Branco, na obra *Do país da luz*, foram efectivamente escritas pelo grande romancista, podemos usar uma metodologia semelhante, ou seja, um conjunto de métodos que nos dê uma probabilidade tão alta de que as mensagens sejam de Camilo, que ninguém de bom senso as

possa rejeitar. De resto, este é, aproximadamente, o método proposto por Kardec para a validação das afirmações contidas nas mensagens mediúnicas.

Apesar de não dispormos de todos os elementos necessários para a elaboração de um estudo exaustivo que nos permita concluir a identidade da personagem, dispomos de alguns elementos muito válidos, colhidos dos quatro volumes da obra *Do país da luz* e do estudo minucioso de Manuela Vasconcelos (ver bibliografia).

## **a) Honorabilidade e opinião do médium**

A personalidade de Fernando de Lacerda, comprovada por documentos históricos, não nos deixa dúvidas. Da sua biografia, sobressaem estes elementos, entre muitos outros:

- trata-se de um homem que, na adolescência, entre os 13 e os 18 anos, luta por ideais republicanos;
- poucos anos depois, funda e dirige os Bombeiros de Loures, onde ensina bombeiros analfabetos a ler;
- move diligências para que uma menina pobre, que se comportara de modo heróico num incêndio, seja protegida economicamente pelo rei Dom Carlos e pela Rainha Dona Amélia;
- cria uma menina e um menino como se fossem seus filhos, dando-lhes educação e amor paternal;
- depois de se tornar polícia, paga multas do seu bolso por piedade para com os infractores; etc.

Não é necessário desenrolar mais o rol de actos comoventes, pela piedade e altruísmo, extraídos da vida de Fernando de Lacerda. Este homem, por vontade própria, aproveitar-se-ia de alguma habilidade extraordinária para enganar toda a sociedade dizendo que recebia comunicações de espíritos de pessoas célebres!? E faria isso a troco de quê!? De nada!? Esta hipótese não é minimamente credível. Primeiro, porque tal embuste não corresponde à personalidade íntegra do médium. Segundo,

porque a habilidade de imitar caligrafias de muitos escritores portugueses já desencarnados, e de escrever sobre uns assuntos, enquanto em simultâneo fala doutras coisas, seriam fenómenos muito mais extraordinários, do que o simples reconhecimento de que é possível conversar com os chamados mortos, que estão mais vivos do que nós. E em terceiro lugar, um crime tem que ter algum benefício para o infractor. Lacerda não ganhava nada com as mensagens. Assim, a intencionalidade em ludibriar está posta fora de causa. Em aditamento, diga-se que o primeiro volume da obra *Do país da luz* é dedicado por Lacerda à mãe e aos filhos adoptivos, ligando a obra aos seres que ele mais amava. É pouco provável que a psiquiatria e a criminologia conheçam um caso em que, uma pessoa com estes traços comportamentais se dedicasse a tão grande traulhice.

Qual era a opinião do próprio médium? É claro que o próprio Lacerda não tinha a menor dúvida de que aquelas comunicações não provinham da sua mente, mas da mente de pessoas que já tinham deixado o corpo físico na Terra.

Não se fique, porém, com a impressão, de que Fernando de Lacerda fosse tão ingénuo, desconhecedor e inexperiente que acreditasse, sem questionar, em qualquer comunicação que lhe surgisse à frente.

Após ter recebido a primeira comunicação de Camilo, ele fica a conversar com o escritor, como dois colaboradores que, após o trabalho realizado, ficam algum tempo à conversa. Diz Lacerda a Camilo:

«Confesso - e sabe-o muito bem - pouco conheço das suas obras; mas delas o que conheço dá-me a nítida impressão de que era bem melhor do que aquilo por que se quer fazer passar.»

Camilo não reage à acusação de Lacerda. O escritor refere-se a outro assunto, mas Lacerda não desiste, e volta a atacar a mesma questão, dizendo:

«Sendo Camilo quem escreve, certamente poderia com mais facilidade e brilho expor as suas ideias...»

Camilo deve ter achado graça. Não o teriam deixado vir à Terra usar um excelente instrumento mediúnico sem preparação prévia. Ele tinha uma sincera simpatia por Lacerda, com quem já conversara no mundo espiritual. Mas Camilo sabia que Lacerda não se podia recordar de tal coisa. Não fica minimamente ofendido e compreende que Lacerda está a fazer cuidadosamente o seu trabalho mediúnico. Ele tem que analisar, duvidar, questionar. Camilo tinha evitado responder à dúvida de Lacerda de que ele fosse mesmo Camilo, mas agora, após a insistência, tinha que lhe responder. Camilo começa por questionar o estilo da pergunta de Lacerda: «Não era isso que querias dizer. Querias dizer que sendo eu Camilo poderia versar com mais competência qualquer assunto de subida importância. Não era isso?»

Camilo reescreve assim a pergunta de Lacerda, para lhe mostrar, que esta poderia ser redigida com mais elegância. Lacerda vacila na sua dúvida, dizendo: «Aproximadamente...»

Então Camilo explica a Lacerda o próprio processo mediúnico, dizendo-lhe que ele tem que usar o acervo linguístico do médium, pois para se expressar sem limitações, Lacerda deveria estar num "estado absolutamente inconsciente". Camilo desenvolve a explicação sobre a mediunidade, introduzindo no texto um termo desconhecido de Lacerda, a palavra "dextro", sinónimo culto da palavra "destro"<sup>3</sup>. Lacerda pára, levanta-se, vai ao dicionário, consulta-o, e regressa à mesa de trabalho mediúnico<sup>4</sup>, para voltar à conversa com Camilo. Diz-lhe este: «Vês? Se estivesses em estado inconsciente escreverias essa e quantas outras palavras eu quizesse<sup>5</sup> escrever.»

Lacerda ficou assim convencido de que estivera a trabalhar com Camilo. Este não termina o texto sem lhe dar

---

3 **destro e dextro:** "destro" veio, por via popular, a partir do adjectivo latino "dexter, dextra, dextrum" (direito). Do mesmo étimo, mas por via erudita, vem a palavra "dextro", com o mesmo significado.

4 Lacerda tinha em sua casa um quatinho destinado só aos trabalhos mediúnicos. Até as crianças sabiam, que ali não podiam entrar.

5 Tal como aparece no texto consultado, com "z".

palavras de conforto, ao dizer que o saber de Lacerda era o que de facto importava, pensando na bondade e sagesa do médium, e no seu conhecimento da vida espiritual.

Diga-se a propósito, que o domínio da língua natal, em que nos expressamos e na qual pensamos, não é um luxo de que o espírita possa prescindir. Os conceitos corporificam-se num sistema linguístico, e sem o domínio deste nem sequer podem ser apreendidos.

## **b) Opinião de Silva Pinto**

Silva Pinto era uma das pessoas mais conhecedoras do estilo camiliano, que ele via como magistral, e que ele mesmo seguia, enquanto discípulo. Quando Fernando de Lacerda lhe mostra a primeira carta, Silva Pinto vacila. Após a leitura da carta, ele vai informar-se sobre Lacerda, não encontrando, obviamente, nada que beliscasse o carácter impoluto do médium. Ele sente que Camilo está naqueles textos. O estilo é o de Camilo. Contudo, que estranho! Camilo a tratá-lo por "tu", quando ele sempre o tratara por "você"! Camilo a dizer-lhe que a vida continua! Camilo a tratá-lo de forma ternurenta! Era Camilo, mas não era Camilo! Por outro lado, Camilo dizia-lhe naquela mensagem para não polemizar com os inimigos literários! Dizia-lhe que se resignasse! Mas esse não era o seu Camilo! Se ele, Silva Pinto, lhe seguisse os conselhos, teria que menosprezar grande parte da sua própria obra!

Pouco a pouco, Silva Pinto acabou por aceitar que aquele era mesmo o seu amigo, devido sobretudo à grande capacidade persuasiva de Camilo que, mesmo lá do outro mundo, conseguiu conduzir o espírito de Silva Pinto a uma certa consciencialização da espiritualidade. O 3.º volume da obra *Do país da luz* abre com uma carta de Silva Pinto, na qual o escritor mostra a sua adesão às ideias espíritas.

Ainda assim, Silva Pinto, após alguns anos, preparou o suicídio, que só não se consumou devido à intervenção divina, através de um outro amigo dele que, inesperadamente, lhe aparece vindo do Brasil, oferecendo-lhe o dinheiro necessário para pagar uma grande dívida, e ainda

mais 50% da quantia para as necessidades de Silva Pinto.

Devido a injustiças sociais, profissionais e políticas de que foi alvo, Fernando de Lacerda foi para o Brasil em 1911, onde viria a desencarnar em 1918. Meses depois de ter chegado ao Brasil, Silva Pinto desencarna em Lisboa, também em 1911. Lacerda, contudo, não estava informado da morte do escritor. Havia de receber tal informação pelo próprio, que lhe surge já do outro lado da vida, consciente do desencarne, mas ainda perturbado pelos mesmos pensamentos que tinha na vida terrestre. Essa é a sexta mensagem do 4.º volume de *Do país da luz*.<sup>6</sup>

### **c) Opinião de outras individualidades da época**

As cartas mediúnicas de Camilo a Silva Pinto suscitaram reacções diversas na época. Do relato feito por Manuela Vasconcelos, dado a partir da consulta de jornais coevos, depreende-se que os jornalistas que estiveram em contacto com Fernando de Lacerda ficaram surpreendidos pela independência cognitiva do médium no processo psicográfico, que era mecânico<sup>7</sup>.

Grande parte dos jornalistas e dos leitores passaram a olhar para o espiritismo e para as manifestações espirituais de modo curioso e tolerante. Naturalmente, nem todos receberam as comunicações com respeito e tolerância, mas nem Jesus conseguiu agradar e ser credível a todos os que se cruzaram com ele há 2000 anos.

---

6 Ler em "5. As outras cartas de Camilo - 2.ª carta" a nota de Fernando de Lacerda e todo o texto seguinte organizado em quatro pontos.

7 Não se estranhe que quando Camilo se comunicou com Lacerda da primeira vez, o processo mediúnico tenha sido de psicografia intuitiva, enquanto noutras situações o processo se tenha apresentado como mediunidade psicográfica mecânica. Os interessados no assunto, poderão consultar *O Livro dos Médiuns* de Allan Kardec.

## **d) Camilo-espírito em *Do país da luz e Memórias de um suicida*.**

Cruzando informações da vida espiritual de Camilo, contada pelo próprio em *Memórias de um suicida*, com as que se depreendem da obra *Do país da luz*, encontra-se bastante convergência.

A obra *Do país da luz* foi escrita pela mediunidade do português Fernando de Lacerda, que a começou a escrever em 28 de outubro de 1906. A obra *Memórias de um suicida* deve-se à mediunidade da brasileira Yvonne Pereira. Esta obra começou a ser compilada por volta de 1946. Assim, quando a obra escrita pela mediunidade de Yvonne Pereira começou a ser compilada, já Fernando de Lacerda havia desencarnado há 28 anos. Por isso, Lacerda não poderia conhecer dados da vida espiritual de Camilo, que haviam de ser revelados numa obra que foi escrita muitos anos depois da sua. No entanto, as informações sobre a vida espiritual de Camilo, obtidas nestas duas obras, são convergentes.

É importante aludir a um aspecto importante da comunicação mediúcnica. A espiritualidade superior, desde Kardec até aos nossos dias, não tem mostrado grande interesse em deixar aos reencarnados pistas da vida dos espíritos e dos homens, de modo a fazermos algum trabalho de reconstituição histórica. Quando o véu da reencarnação cai, também caem com ele muitas das preocupações terrenas. No mundo espiritual, as preocupações concentram-se todas na minoração da dor alheia e própria, na ajuda ao próximo, na sublimação dos nossos defeitos e no trabalho reconstrutivo da alma em busca de Deus. Deste modo, as preocupações de carácter histórico restringem-se e subordinam-se ao interesse da evolução da alma. É a própria Yvonne Pereira que, noutra obra, nos diz, que no processo de construção das narrativas, os espíritos mesclam verdade com ficção, alteram os lugares onde ocorrem as histórias, cruzam personagens e omitem dados. Tudo em prol da pedagogia espiritual porque, para eles, nós não somos pecadores, mas apenas os irmãos mais novos que, por vezes, ainda brincam com o fogo.

Deste modo, a tarefa de quem, reencarnado, procura convergências entre obras literárias para chegar a conclusões históricas, é dificultada pelas próprias características da comunicação mediúnica que, visando apenas o esclarecimento espiritual da criatura, destrói as pistas que nos seriam necessárias para reconstruir as biografias espirituais.

No 4.º volume de *O país da luz* podem ler-se estas palavras de Lacerda-espírito:

«Entrega o livro, como está, à impressão. Tira-lhe apenas as datas (...)».

Ao ler isto, não pude deixar de pensar: “Lacerda, agora que és espírito já nos estás a trocar as voltas, omitindo as datas.” Dizemos com Fernando Pessoa: «(...) Em baixo, a vida, metade / de nada, morre.<sup>8</sup>»

## e) Acerca da análise grafológica das mensagens

Na obra *Fernando de Lacerda, o médium português*, ficamos a saber que Manuela Vasconcelos não teve acesso aos originais da obra *Do país da luz que*, por razões desconhecidas, não lhe foram facultados pela F.E.B.

Os facsímiles dos originais desta obra são fundamentais para que um especialista no assunto possa fazer uma análise grafológica dos mesmos, comparando-os com facsímiles da obra do escritor Camilo Castelo Branco<sup>9</sup>.

Sem as fotocópias dos originais, não é possível comparar a caligrafia, a ortografia e outros elementos, entre Camilo-espírito e Camilo-homem. No entanto, ainda assim, podemos inferir da semelhança entre as duas caligrafias pelas reacções daqueles que, à época, tiveram a oportunidade de ver os originais mostrados pelo médium Lacerda.

---

8 in PESSOA, Fernando, *Mensagem*, “Ulisses”.

9 Como já foi referido, entre a 1.ª e a 2.ª edição deste livro, a F.E.B. disponibilizou à F.E.P. um grande acervo de fotocópias de textos de Lacerda. Desconheço se nesse material vinham também as cópias dos textos originais de *Do país da luz*.

Alguns jornalistas até puderam verificar as ortografias dos espíritos comunicantes no momento da produção mediú-nica, e ficaram admirados com as semelhanças.

## **f) Personalidade de Camilo antes e depois de desencarnar.**

Aqueles que conheciam bem Camilo Castelo Branco, como Silva Pinto conhecia, ficaram atónitos por Camilo se mostrar mais doce e luminoso dezasseis anos após a desencarnação. Apesar disso, Silva Pinto, até mesmo no momento do primeiro choque, nunca disse peremptoria-mente que aquela mensagem não pudesse ser do seu amigo Camilo, apesar das alterações visíveis na personalidade do mestre. Silva Pinto identificou de imediato o estilo como sendo, pelo menos, semelhante ao de Camilo.

Se uma pessoa pode mudar as suas opiniões, devido a alterações ocorridas na sua vida, o fenómeno chamado morte pode levar o indivíduo a mudar substancialmente o modo de olhar para a vida e para a eternidade. Vendo por este prisma, as alterações de personalidade verificadas, de Camilo-homem para Camilo-espírito, reforçam a convicção de que se trate mesmo de Camilo Castelo Branco. Mesmo para quem não seja espírita, considerando a hipótese da vida continuar após a morte do corpo físico, não seria credível que um espírito iluminado como o de Camilo não continuasse a aprender e, conseqüentemente, não alterasse pontos de vista com a nova experiência, com a experiência da morte. Por outro lado, se se tratasse de um embuste, o embusteiro teria imitado Camilo tão bem quanto possível, não tratando Silva Pinto por "tu", não se tornando mais afectuoso, nem alterando o seu modo de ver a vida.

A análise da primeira carta mostra que, se por um lado Camilo muda de opinião face ao que se pode esperar após a morte do corpo físico, por outro lado é o mesmo Camilo que ali está cheio de pujança, esgrimindo argumentos direc-cionados à personalidade de Silva Pinto, fazendo uso de recursos retóricos trabalhados pelo escritor no passado, puxando da sua capacidade dialéctica, não para ornamentar

uma novela do Minho, mas para resgatar o amigo das malhas de um equívoco intelectual, que o conduziria à triste condição de suicida. E fê-lo com sucesso, como se espera de um mestre de Língua Portuguesa.

## 4. Análise literária da primeira carta de Camilo a Silva Pinto

Na noite em que dita a primeira carta a Lacerda, Camilo ensina ao médium, que este deveria estar num estado de inconsciência para que Camilo pudesse usar livremente o seu domínio de Língua Portuguesa, sem ter que se subordinar ao vocabulário, sintaxe e estilística encontrados na organização anímica do médium. Deste modo, a análise linguística das mensagens espirituais tornar-se-ia, à partida, um trabalho sisífico<sup>10</sup>, frustrante e, por isso, uma perda de tempo, pois o espírito não pode escrever como sabe e deseja, devido às insuficiências do aparelho mediúnico.

Há, porém, uma área filológica, sobre a qual nos podemos debruçar: trata-se da construção retórica do texto. Já vimos como a habilidade retórica de Camilo-espírito conseguiu convencer Lacerda acerca da identidade do escritor. Verifiquemos agora que argumentos Camilo usou para persuadir o amigo Silva Pinto a entrar no caminho da espiritualidade, de que maneira é que ele encadeou esses argumentos, e que recursos estilísticos usou. É este o domínio da retórica, área do saber em que Camilo sabe nadar como peixe na água<sup>11</sup>.

---

10 **Sísifo:** Na vetusta Grécia, Sísifo era um príncipe da Tessália, filho do rei Éolo e da rainha Enarete. Sísifo era tido como o mais astuto dos homens. Os seus truques eram tão maliciosos que os deuses se sentiram ofendidos. Deste modo, após ter morrido, Sísifo foi condenado, no Hades, a fazer rolar uma grande rocha monte acima, e quando a rocha se encontrava perto do cume, ela voltava a rolar com ele monte abaixo, devendo o desgraçado repetir a experiência vezes sem conta. Compreenda-se assim o que é um trabalho sisífico. Pobre Sísifo! Felizmente, como sabem os espíritas, não existem penas eternas.

1. «A tua amizade, a tua saudade, a tua lembrança são elos que ainda me prendem ao mundo. São dos poucos que me recordam raros momentos de felicidade na terra, se na terra há coisa que se possa chamar felicidade.»

Camilo começa por tratar Silva Pinto por “tu”, em vez da forma “você” com que o tratava quando estava reencarnado. Ele sabia que o amigo ficaria admirado, mas também ficaria enternecido. O texto começa com a anáfora<sup>12</sup> “a tua”, que se repete três vezes, sendo intensificada pela utilização do assíndeto<sup>13</sup>. O primeiro parágrafo é como um abraço de saudade ao amigo distante, e a reiteração de uma amizade que a morte física não apaga.

2. «A minha vida depois da morte, (que estranha heresia te parecerá isto!) tem sido a coroação da vida de sofrimento e de martírio que nesse mundo de lama e pus levei!»

Duas afirmações importantes.

Primeiro, a vida continua após a morte, o que é evidente, pois de contrário Camilo não estaria a escrever ao amigo. O espírito mostra, pela frase entre parênteses, que sabe perfeitamente a admiração que a situação provoca no amigo.

Segundo, as dores não terminaram com a destruição do corpo físico. Assim, o suicídio não serviu os seus propósitos: o esquecimento, o fim dos problemas, a anulação do ser no nada.

3. «Com a minha passagem consegui a certeza da torturante expectativa que dominou toda a minha existência aí: - haveria Deus? existiria a alma?»

---

11 Na dissertação apresentada no Seminário não foi lida toda a carta de Camilo a Silva Pinto, por falta de tempo e para não saturar o auditório. Neste livro, porém, reproduz-se toda a carta, sem qualquer corte, e com mais comentários.

12 **anáfora:** Figura de estilo pela qual uma ou mais palavras são repetidas no início de vários versos ou de várias frases.

13 **assíndeto:** Figura de estilo pela qual se suprime a conjunção “e” numa enumeração onde normalmente ela existiria. Neste caso, esperar-se-ia: “A tua amizade, a tua saudade e a tua lembrança (...)”, mas o autor, para dar mais expressividade ao texto, retira a palavra “e”, substituindo-a por vírgula.

Sofri ou continuei a sofrer tanto e tão intensa, tão condensadamente, que, conquanto não pudesse duvidar da persistência da vida, cheguei a descrever da existência de Deus.»

Vendo-se vivo após o suicídio, o espírito conseguiu as respostas para as dúvidas acerca da existência de Deus e da alma. Continuou a sofrer, logo a existência da alma estava comprovada, pois ele havia destruído o corpo físico com um tiro de revólver. Mas perante a enormidade dos sofrimentos, começou a questionar se Deus existiria mesmo.

Camilo mostra a Silva Pinto, pelo seu próprio exemplo, como o suicídio é contraproducente, horrivelmente doloroso e ineficaz como solução para o que quer que seja.

4. «Factos que não é oportuno narrar agora trouxeram-me a consoladora certeza de que Ele existia, e de que não desconhecia a minha torturada existência daí e daqui; e então, meu velho, meu querido amigo, alma gémea da minha na amargura, tive a certeza de que a vida na terra seria a antecâmara da felicidade se soubéssemos aproveitá-la.»

Ele enfatiza que o mundo espiritual lhe dera a certeza da existência de Deus, e volta a evocar o amigo em apóstrofe<sup>14</sup>: “meu velho, meu querido amigo, alma gémea da minha na amargura”. A aliteração<sup>15</sup> em “m” intensifica a anáfora “meu”. O parágrafo termina com uma alusão curta, mas importante, à gravidade que tem o aproveitamento da vida terrena como garantia da felicidade espiritual.

5. «Assim, como a<sup>16</sup> fazemos, é coisa tão desprezível que não merece o nosso desprezo.»

---

14 **apóstrofe**: Figura de estilo pela qual se chama ou evoca alguém ou alguma coisa. Exemplo: “(...), meu velho, meu querido amigo, alma gémea da minha na amargura, (...)”. A identificação de todas as figuras de estilo nesta carta seria um trabalho fastidioso, e mais próprio de um trabalho de retórica do que de um trabalho espírita. No entanto, aqui ficam algumas, que servem o propósito desta obra: mostrar que o espírito é Camilo Castelo Branco.

Saibam os menos experientes nas andanças literárias que muitos dos exemplos estilísticos que se encontram em boas obras de retórica são retirados dos milhares de páginas da obra camiliana. A utilização da retórica é algo natural, frequente e fascinante em Camilo.

15 **aliteração**: Figura de estilo pela qual se repetem sons consonânticos.

A ideia mais importante de toda a carta, o desprezo pelas ofensas, vai sendo insuflada aos poucos.

6. «Tu tens levado todo o teu tempo a protestar e a maldizer...»

O sexto parágrafo é ainda mais curto. Camilo vai começar a mostrar ao amigo que os erros que ele tem cometido não auguram um bom futuro espiritual. O parágrafo é curtíssimo e termina em reticências, como se Camilo lhe sussurrasse algo desagradável, mas essencial, ao ouvido.

7. «Pobre mártir, pobre vítima da Dor, que não tens conseguido mais que queimar a tua própria alma e despertar o riso daqueles que te não compreendem!»

Neste parágrafo, o espírito mostra a Silva Pinto que as atitudes deste provocam o riso nos adversários e queimam a própria alma.

Do 7.º ao 12.º parágrafo, cada parágrafo é maior que o anterior, e aumenta também de intensidade, num crescendo, como se se tratasse de uma composição de Beethoven, que começa devagarinho para ganhar uma amplitude cada vez maior, até escancarar à alma as janelas por onde esta pode ver as suas próprias chagas, os seus aleijões, os seus defeitos. Não se trata aqui de denegrir quem quer que seja, e muito menos um dilecto amigo, mas não se esconde do amigo os erros em que ele dissipa a vida. Por outro lado, não se trata de elogiar gratuitamente, mas não se deixa de mostrar ao amigo que as suas conquistas morais estão a ser obscurecidas por uma perspectiva errada da existência.

8. «Meu amigo, meu irmão, meu doce e carinhoso irmão: a experiência que tens, estranhamente exagerada, das coisas que te cercam deve servir só para te desprenderes delas.»

Camilo volta a recorrer à apóstrofe, à anáfora e à aliteração, como forma de cativar Silva Pinto. Camilo sabe que no peito daquele leão se aloja um coração de manteiga. Ele acrescenta, de chofre, que a experiência de Silva Pinto

---

16 "a" refere-se à "vida".

acerca do que o rodeia só lhe deve servir para se libertar dessas mesmas coisas. Verdades duras...

9. «Deves librar<sup>17</sup> o teu espírito ao alto; e quando o fizeres verás que tudo que te afadiga e tortura é tão mesquinho, tão insignificante que não merece que por ele vibre a mais grosseira fibra de teu coração!»

Agora Camilo aponta-lhe o alto, o mundo espiritual, os conceitos superiores da vida, como objectivo, como fim, onde a ordem de valores é outra, onde aquilo a que Silva Pinto se prende, se mostrará isento de valor. Pairar acima da existência, tal é o conselho de Camilo.

10. «Águia de talento, espírito de eleição<sup>18</sup>, eleva-te acima do charco em que a fatalidade ou a lei fatal do progresso humano te colocou passageiramente na terra, e terás assombro de ti próprio por teres chegado a indignar-te com as coisas necessárias que não compreendes!»

Logo após lhe apontar o alto como objectivo, Camilo afirma agora que ele tem as asas para lá chegar, chamando-lhe "águia de talento, espírito de eleição". Diz-lhe, de seguida, que ele está no charco, mas que esse estado é necessário e transitório. A última frase de Camilo mostra como o romancista já entende bem a lei do carma e das provações, pois "as coisas necessárias", isto é, as dores, os problemas, os desgostos, são aquelas que a alma necessita para evoluir. É claro que a indignação contra o que nos ajuda a evoluir não faz sentido.

11. «Por amor de mim consegue libertar-te das ideias grosseiras que a vida da matéria te pôde incutir no cérebro privilegiado<sup>19</sup> e deixa que a santa filosofia dos teus cabelos brancos possa ver sem azedume, sem rancor, as misérias dos teus irmãos, e ante-gozarás a maravilha esplendorosa da criação! Lembra-te que os melhores lameiros são os que dão mais pão; que os terrenos mais adubados com a podridão são os que dão as mais iriadas e

---

17 **librar**: suspender, pairar, flutuar no alto. Não confundir com a palavra "liberar" (= libertar).

18 Por "espírito de eleição" deve entender-se "espírito que já atingiu algumas boas qualidades assinaláveis". No Universo não existem espíritos especiais, eleitos ou escolhidos.

19 Faça-se a mesma análise da nota anterior. Não será necessário voltar a dar o mesmo esclarecimento.

odoríferas flores e os mais deliciosos frutos.»

Camilo pede-lhe que se liberte das ideias grosseiras por amor ao seu amigo Camilo, e incita-o a usar a inteligência “privilegiada” para se libertar do “azedume” e do “rancor”. Dá-lhe a imagem do lameiro em podridão, como lugar fétido mas fértil, onde crescem as mais belas flores. Assim é a existência humana.

12. «Pensa! Reflecte! Experimenta! Pega em uma planta e dispõem-na em um vaso de terra limpa, lavada, odorífera, e essa planta, se chegar a lançar raízes, estiolará e em breve morrerá. Dispõe planta igual em vaso de terra apodrecida, engordurada com o excremento mais imundo e ela vegetará luxuriantemente, elevará os seus ramos para o céu numa manifestação de vida feliz, e desentranhar-se-á em flores de uma beleza rara, de um aveludado inigualável e de um viço pujante.»

Chegamos ao 12.º parágrafo, o maior desta série de seis. Este começa com verbos no imperativo, pois agora o mestre incita veementemente o discípulo a agir: “Pensa! Reflecte! Experimenta!” Camilo desenvolve a ideia criada no parágrafo anterior, mostrando pelas metáforas<sup>20</sup>, que é do charco que a alma se eleva ao céu. Numa primeira leitura, parece que os imperativos servem para incitarem Silva Pinto a fazer uma experiência de jardinagem. Mas não. Camilo mistura os dois planos, o da jardinagem com o da existência humana. Ele quer que o amigo experiencie um novo tipo de vivência anímica. Ele quer que o amigo compreenda que as dificuldades da vida e as ofensas são o estrume que adubam o crescimento espiritual da criatura.

13. «Que grande lição te dá Deus na vida dessas duas plantas! Medita! Deixa que a luz do teu talento ilumine a tua razão!»

Camilo insiste para que o amigo reflecta, e use os

---

20 **metáfora:** Figura de estilo. Na frase “Camilo era **como** um leão.” temos uma figura de estilo à qual se chama comparação. Mas se se afirmar: “Camilo era um leão.” passamos a ter uma metáfora. Assim, de modo simples e didático, uma metáfora é uma comparação, à qual se retirou a palavra comparativa (“como”, “parece”...). Pela metáfora transpõem-se elementos qualitativos de uma entidade (a força do leão) para o sujeito (Camilo). A um conjunto de metáforas e/ou de comparações chama-se imagem.

cabedais já conquistados para começar a ver a vida noutra perspectiva.

14. «Porque hás-de passar o resto dos teus dias, aí, na calcinante agrura de querer emendar o que está optimamente feito?»

Afinal, a aparente imperfeição é a perfeição e, se é a perfeição, não precisa de ser emendada. Logo, não faz sentido que Silva Pinto se consuma a tentar emendar o mundo. Há que adubar a planta para que ela cresça. Não faz sentido que a planta se indigne pelo mau cheiro proveniente do adubo.

15. «Pois se o homem pode modificar a planta selvagem pela cultura; se a base da cultura é a adubação da planta, e a matéria do adubo é a podridão; como queres impedir que Deus se sirva de processo semelhante para aquilatar o mérito da mais complicada obra de toda a criação e para cultivar a mais perfeita e estranha planta de todas que fabricou?»

Camilo cria uma analogia, segundo a qual Deus cultiva as almas de modo semelhante àquele pelo qual cultiva as plantas. Ele usa esta argumentação de modo intencional e certo. Ele sabe que o amigo tinha sido um dos introdutores da escola realista-naturalista em Portugal, e que a sua maneira de estruturar o Universo é de base naturalista. Camilo continuará, ao longo de toda esta mensagem, a utilizar metáforas e imagens naturalistas por saber que Silva Pinto é permeável a essa linha de pensamento.

16. «O meu mal foi não ter tido nunca a felicidade de ver a vida por este prisma!»

Um desabafo, mas com função didáctica, como toda esta mensagem. É uma forma de dizer ao amigo que ele tem a oportunidade de arrepiar caminho, para vir a ter uma existência espiritual sem as dores por que ele mesmo passou por desconhecer o que era a vida espiritual.

17. «Quando a<sup>21</sup> vi assim... era tarde; e então o sofrimento intraduzível pelo tempo perdido e pelo mal feito; e então o pavor de uma vida que nem nos teus momentos mais esmagantes terás podido sonhar!»

Camilo diz a Silva Pinto que este tem uma oportunidade

---

21 "a" é "a vida".

que ele mesmo nunca tivera, pois ninguém veio do outro mundo para lhe mostrar a vida nesta perspectiva. Refere-se às consequências de uma vida regida por uma filosofia errada, que culminou no suicídio, como sabemos, e com um cortejo de inenarráveis sofrimentos no mundo espiritual. A repetição anafórica “e então (...) e então” mostra a continuação e a variedade de desgraças que o suicídio não resolveu, e que até aumentou em grande escala.

18. «A resignação em uns é o desprezo pelos outros; em outros é a piedade pelas faltas alheias. Tu não és um resignado. Nunca o foste. Tens piedade, mas a piedade ainda te não levou à resignação! Sê benévolo, sê piedoso, e terás atingido aí uma culminância que te permitirá na hora extrema da passagem desferir um voo para a felicidade.»

Pela primeira vez Camilo usa a palavra “resignação”. Ele apresenta a Silva Pinto um roteiro que parte da análise da personalidade do amigo, para o levar a resignar-se e a perdoar as ofensas. Todo o processo faz lembrar uma doutrinação. Camilo não mente nem esconde verdades. Reconhece as qualidades anímicas do amigo, e usa-as para o ajudar a libertar-se das malhas em que ele mesmo se emaranhou.

Ele sabia que Silva Pinto não era um homem resignado, mas também sabia que ele já era um homem piedoso.

19. «Sabes que os grandes pássaros, os condores por exemplo, precisam subir a eminências para poderem voar largo.

20. Tu és um condor de bondade e de talento.»

Camilo identifica duas características do amigo: bondade e talento. Propõe-lhe a utilização dessas asas para voar alto, como um condor, para poder ver tudo de cima, de outra perspectiva.

21. «Não fiques, não persistas na planície lamacenta da vida mesquinha e material, porque, meu querido, meu queridíssimo amigo dilecto, na hora da despedida, colhido de surpresa pela rajada da morte que o Criador mandar para te fazer mudar de poiso, não terás tempo de formar voo para te alçares ao espaço largo e luminoso; e ficarás, como eu, por sabe Deus quanto tempo, no convívio das corujas e das gralhas. A eminência a que tens que elevar-te é a bondade purificada pelo sofrimento que a linguagem humana classifica de resignação. Educa o teu espírito de revolta. Se for necessário, a tua razão que o iluda, transigindo, convencendo-o de que é por desprezo que abandonará o rancor, a fermentação do ódio, que só conduz ao desespero.»

O plano de trazer o amigo à resignação e ao perdão, resgata-o das malhas da indignação, da revolta e da hostilidade, prossegue o seu curso. Camilo continua a usar a imagem criada a partir da metáfora de que Silva Pinto é uma grande ave, uma águia ou um condor. Insiste na ternura do tratamento e adverte-o que após o desencarne, ele não terá tempo para se alçar ao alto, ficando então prisioneiro dos defeitos, emaranhado na teia que construiu.

22. «Procura convencê-lo<sup>22</sup> de que é tudo tão mau que não merece a consideração da revolta de um justo e um bom como és; e insensivelmente, sem dares por isso, terás adquirido a incomparável felicidade de conheceres que os maus não são tão maus como supões; que são mais desgraçados do que maus, e mais dignos de lástima do que de rancor; que o mal é um bem necessário<sup>23</sup>; que a justiça divina, escrevendo direito por linhas tortas, como aos nossos olhos se afigura, é de uma grandeza e de uma impecabilidade incomensuráveis, e de que a piedade e o perdão são as únicas coisas que aproximam o homem da Divindade!»

Este grande parágrafo é o resumo da argumentação que Camilo tem vindo a usar desde o princípio da mensagem.

O velho escritor, experiente na arte de conversar, mostra-se agora um hábil doutrinador. Ele sugere ao amigo uma maneira de começar a entrar na prática da resignação. Já que Silva Pinto não se consegue resignar, por se indignar contra as injustiças do mundo, Camilo sugere-lhe que ele pense que os maus não merecem que ele se preocupe com eles. É uma forma de tornar a primeira reacção à injustiça mais aceitável do ponto de vista ético. Substituindo a indignação pela indiferença, e a revolta pelo desprezo, Camilo está a ajudar o amigo a desvencilhar-se da teia.

---

22 Entenda-se que "lo" (a ele) é o espírito de Silva Pinto. Camilo incita-o a convencer a sua própria alma, isto é, a si mesmo. À luz da doutrina espírita, cada ser humano é um espírito reencarnado. Não somos corpos com almas, mas almas reencarnadas em corpos. Camilo não diz outra coisa. Contudo, receando que o leitor menos informado pudesse fazer outra leitura, aqui fica o esclarecimento prévio.

23 "O mal é um bem necessário". Entenda-se assim o paradoxo: o mal é um medicamento para as doenças da alma, portanto é um bem, apesar de ser amargo.

Depois, diz ele, Silva Pinto reconhecerá que afinal os maus são apenas desgraçados, mais merecedores de compaixão e de perdão do que de rancor ou ódio.

23. «Pois se basta que o homem ponha lunetas pretas para ver tudo negro; amarelas para ver tudo dourado; rosadas para ver tudo cor de rosa; porque é que a vida não há-de mostrar só a faceta<sup>24</sup> que cada um dela quer ver?»

Camilo relativiza as coisas, mostrando que cada um vê da vida a faceta que quer, e com a qual se sintoniza.

24. «Queiras ver a faceta boa e vê-la-ás. Por mais que faças não verás outra, por pior que seja aquilo sobre que fixares a tua vista e a tua análise.»

A força da vontade é evidenciada. Basta querermos, para que a realidade se apresente de outro modo.

25. «Se quizeres<sup>25</sup> ver pela faceta má tudo verás mau, por mais santo, por mais belo, por mais grandioso que seja.»

Quem quer ver tudo negro, ponha óculos escuros, que até o Sol se apresentará obscurecido.

26. «Eu passei a minha vida terrena a ver tudo pelos óculos pretos; e tão preto vi que Deus deu-me aí a escuridão da cegueira. E, meu santo amigo, essa escuridão acompanhou-me horrorosamente aqui, e poucas são as nesgas de luz que conseguem vir quebrá-la ainda!

27. Medita pois. Experimenta.»

Camilo aprofunda a análise do problema através de outra imagem de tipo naturalista. Diz agora que talvez as coisas não sejam como parecem ser. Vemo-las da cor com que nos sintonizamos ao longo da vida. Dá o seu próprio exemplo, mostrando que tanto viu a vida negra, que chegou à escuridão da cegueira, e que essa se prolongou na vida espiritual.

A propósito, diga-se que nesta data, 28 de outubro de 1906, Camilo ainda não sabia da causa principal da sua

---

24 A palavra "faceta", aqui e noutros passos, é vista não como um dos lados do assunto, mas como outra maneira de perceber o assunto.

25 Tal como aparece no texto consultado, com "z".

cegueira, cuja explicação é dada na obra *Memórias de um suicida*, de Yvonne Pereira. Esta obra havia de ser compilada cerca de 40 anos após a mensagem agora em estudo.

28. «Acerca-te de um ramo de lírios brancos, alvos como a neve, puros como a pureza e a bondade de Deus, olha-os através de um vidro fumado, e vê-los-ás negros, sujos, repelentes; aproxima-te de um monte de impurezas, de um cadáver putrefacto, esverdeado, caindo a pedaços pela decomposição, coisa horrenda de pensar quanto mais de ver; olha-o por vidros alaranjados e verás tudo coberto de um delicioso nimbo dourado, como se dessa imundice irradiasse a luz solar.»

Imagem cheia de metáforas e comparações. Uma pintura forte que parte do naturalismo, como didacticamente convém, já que Silva Pinto vê a vida numa perspectiva naturalista, para um certo impressionismo, onde a realidade é apresentada de modo subjectivo.

29. «Porque não fazes a mesma coisa à vida?»

No fim, a interrogação retórica<sup>26</sup> que sugere ao discípulo a transferência do mesmo princípio para as questões difíceis do relacionamento humano. Ou seja, Camilo propõe ao discípulo que veja os maus como sofredores.

30. «Imaginemos...

31. Não, não imaginemos; vou ao alcance da tua objecção:»

Camilo tenciona desenvolver o seu pensamento com recurso à imaginação, mas subitamente mostra a Silva Pinto que sabe muito bem que tipo de objecções o amigo fará quando ler esta carta. Este é também um elemento valioso para a identificação de Camilo.

32. «- *Mas os vidros não mudam a natureza das coisas; os lírios não deixam de ser brancos por se verem por lentes negras, nem a podridão deixou de ser ascorosa por parecer dourada!*

É verdade, parecerá à primeira vista, ou à nossa razão desarmada da reflexão.»

O espírito verbaliza a objecção que o amigo fará: as coisas não deixam de ser como são, mesmo que sejam

---

26 **interrogação retórica:** figura de estilo que consiste numa pergunta,

vistas por outros óculos. Trata-se de uma questão ontológica<sup>27</sup>, que certamente não escaparia a Silva Pinto, e que Camilo deve analisar.

Camilo continua num estilo dialogante, como se conversasse com Silva Pinto. Lembremo-nos que ele está a escrever pela mão do médium Fernando de Lacerda, mas o destinatário da mensagem é Silva Pinto.

33. «Reflexionemos, porém.

34. Qual é a natureza das coisas na terra?

35. É a que vimos? É a que nos parece?

36. Não. É a que é.»

O espírito parece concordar com a objecção que imaginara na mente do amigo.

37. «E qual é a que é no exemplo citado?

38. A vista irreflexiva dá ao lírio a alvura e à podridão o asco.

39. Entretanto a reflexão mudará em breve o asco para o lírio, a causa admirativa para a podridão.»

Camilo continua em estilo socrático. Ele parte da aparente aceitação da validade da objecção, evoca a experiência dos óculos escuros e vai agora introduzir um outro elemento: o tempo.

40. «O lírio será a curto trecho putrefacto, nauseante; e o cadáver, o monturo, transformar-se-á, benévolamente nos gazes que dão a vida e nos sais que alimentam as rosas e o trigo.»

Deste modo, Camilo introduz o tempo, elemento fundamental para que o ser seja visto numa perspectiva de devir<sup>28</sup>. Que acontece ao lírio? Transforma-se em matéria

---

que não tem como objectivo uma resposta, mas provocar a reflexão do leitor ou do ouvinte.

27 **ontologia**: área da filosofia que estuda o ser.

28 **(PT) devir (EO) "estiçado" (EN) "becoming"**: conceito filosófico que valoriza a transformação ou o movimento do ser. O ser encaminha-se, pela transformação ou pelo movimento, para deixar de

putrefacta. Que acontece ao cadáver? Transforma-se em alimento para as rosas. Como são afinal o lírio e o cadáver? Pode dizer-se que um é mais belo ou melhor que o outro?

41. «E quando assim não fosse?»

Neste passo, Camilo apela ao carácter filosófico de Silva Pinto. Ele conhecia-o bem, e sabia que o amigo tinha uma elevada capacidade de argumentação. Então tece os seus argumentos, imagina o contra-argumento de Silva Pinto e responde-lhe.

Este trecho parece simples, mas esconde toda uma complexidade ontológica que mexe com a teoria do devir. Quem sou eu? Sou o que sou agora? Sou o que fui antes? Sou o que serei no futuro? Serei tudo isto? Esta alusão serve, mais uma vez, para mostrar como Camilo conhecia bem Silva Pinto. Se a entidade comunicante não fosse o próprio Camilo, teria que ser alguém que conhecesse Silva Pinto tão bem quanto Camilo. Já agora, que tivesse por Silva Pinto uma afeição tão fraternal e tão profunda quanto Camilo. Pode parecer fácil, mas não é. Silva Pinto é o tipo de homem que, ou é amado pela sua inteligência e por ser altruísta, ou odiado pelo seu carácter revolucionário, pela sua indignação face à maldade, e pela constante revolta que tinha para com as injustiças e os maus do mundo.

O plano de Camilo é sagaz. Agora ele leva o amigo a questionar se os maus são mesmo maus, e se os bons são mesmo bons. É uma maneira de relativizar as coisas, de dar uma noção básica de evolução espiritual, de tornar o amigo

---

ser o que era, logo o ser transforma-se no não-ser. Segundo a tradição, escreveu o filósofo grego Heraclito: "Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio." Da segunda vez, o rio já não é rigorosamente o mesmo, pois as primeiras águas já passaram. Assim, também a alma está em constante mutação, deixando de ser o que era, pois evolui. Ela mantém a identidade, mas essa identidade deve ser vista como um "eu dinâmico" em constante mutação, não como algo estável. Sabemos, pelo espiritismo, que essa mutação é no sentido do aprimoramento moral e intelectual. Em grego antigo, a frase atribuída a Heraclito é (HE) Τα Πάντα ῥεῖ. (Ta panta rhei - Tudo flui.). Usa-se aqui a forma "Heraclito", em vez de "Heráclito", na esteira de eminentes classicistas portugueses.

mais tolerante perante os injustos, para facilitar o caminho da resignação. Como já vimos, antes desse passo glorioso, a resignação, Silva Pinto deverá passar pela experiência da indiferença perante a maldade e a injustiça. Sempre é melhor ser frio, indiferente e desprezar os inimigos, que odiá-los. Ninguém se eleva à condição de anjo sem passar muitas vezes pela retorta da alquimia espiritual, na qual se vai purificando.

42. «As cores, obedecendo à nossa vontade, tinham-nos dado a sensação de que era assim; e tudo na vida tem as sensações que conseguem impressionar-nos. O amor às coisas horrorosas não deixa de ser amor se as amamos; e o ódio às coisas belas não deixa de ser ódio se as detestamos.»

O amor é sempre amor, quer se direcione às coisas más quer às coisas boas.

43. «Exige a razão ponderada e fria que assim não seja; mas quem pode gabar-se de ser suficientemente justo e equilibrado que consiga ver as coisas sempre como elas realmente são? E não podendo ter a certeza de que tem essa justeza de vista, quem pode afirmar que a sua maneira de ver é a melhor?»

Perante a subjectividade e o devir, quem pode afirmar que a razão está consigo, e que os outros estão errados?

44. «Medita, Silva Pinto, medita!»

Camilo ensina ao amigo que a capacidade de cada um julgar as acções humanas é subjectiva. Logo, talvez seja melhor pensarmos que poderemos não ter uma visão ampla dos problemas e, à partida, é preferível ser tolerante. Mais uma machadada no mau hábito de Silva Pinto em indignar-se contra os males do mundo.

O espírito continua a insistir para que o amigo medite nesta nova maneira de ver a vida.

45. «Pensa que as tuas dores te hão-de servir para mais do que para atravessares a vida a maldizê-las!»

Camilo mostra como é paradoxal que as dores só sirvam para que se fale mal delas. Ao fim e ao cabo, elas devem ter outra função mais positiva na vida.

46. «Mal haja a experiência que nos traz a benevolência e a tolerância!»

O velho escritor não resiste à ironia<sup>29</sup>, dizendo que seria má a experiência que nos trouxesse benevolência e tolerância.

47. «Sabes tu melhor do que ninguém que eu jamais pensei assim aí<sup>30</sup>. As minhas novelas<sup>31</sup> estão cheias de fel que a amargura fazia destilar à minha vida; e por mor desgraça não tive nunca boca amiga que tivesse autoridade no conselho para me obrigar à reflexão desapaixonada sobre as causas e as coisas. Quando muito, sentia-me envolvido na piedade e no dó; e esses sentimentos alheios irritavam-me, feriam o meu orgulho...»

Não é bem assim, mestre Camilo! As tuas novelas não têm assim tanto fel, e muitas delas podem ser vistas como hinos aos valores positivos da vida. Tomemos esta afirmação de Camilo como expressão de sincera humildade de quem sabe agora que há um caminho muito mais luminoso a seguir. De facto, muitas páginas de Camilo até parecem obras espíritas. Leia-se o romance *O bem e o mal*, entre muitos outros, para comprovar isto.

Camilo tem a perfeita consciência de que, na sua última reencarnação, ele não pensava do mesmo modo, e que essa mudança de opinião havia de provocar admiração no amigo.

Camilo alude à sua experiência pessoal, informando sobre as suas dores no mundo espiritual, causadas pelas suas acções na vida terrena. Trata-se da lei universal do carma, bem conhecida dos espíritas<sup>32</sup>. Camilo não tinha por objectivo

---

29 **ironia:** figura de estilo pela qual se afirma o contrário do que se pretende defender para, provocando o riso, trazer o receptor ao ponto de vista defendido.

30 Por "aí", o espírito refere-se à sua última reencarnação na Terra, na qual ele foi Camilo Castelo Branco.

31 Noção de "novela", segundo a qual ela é menor e menos complexa que o romance, e maior e mais complexa que o conto. Camilo escreveu romances, novelas, contos, dramas, poemas e artigos de opinião.

32 **carma:** deve entender-se que todas as acções de uma pessoa se projectam no tempo, como se fossem ondas que virão a criar a rede de situações em que essa pessoa viverá mais tarde, no mundo dos espíritos ou no mundo dos homens. Efectivamente, isso acontece dentro da estrutura anímica do espírito, moldando o perispírito (corpo energético dos espíritos), e influenciando fortemente as condições

informar o amigo sobre a situação espiritual em que se encontrava. Havia de o fazer, passados trinta anos, pela mediunidade de Yvonne Pereira, na obra *Memórias de um suicida*. Nesta mensagem o seu escopo é outro. Camilo focaliza-se no plano de resgatar o amigo do suicídio que estava certo, se ele não tivesse intervindo. Portanto, aludindo ao seu exemplo de vida, Camilo consciencializa Silva Pinto, dizendo que este tem a oportunidade de ter um amigo espiritual, que vem do além túmulo para o avisar que ainda há tempo para evitar uma tragédia enorme.

Silva Pinto foi muito auxiliado directamente pelo mundo espiritual no fim da sua reencarnação. Camilo veio, através da mediunidade de Fernando de Lacerda, convencê-lo da vida após a morte física, e avisá-lo das trágicas consequências do mau uso da vida terrena. Mesmo assim, após alguns anos, Silva Pinto preparou o suicídio, que não se efectivou porque o seu velho amigo Alfredo dos Anjos, conde de Font' Alva, veio rico do Brasil e, inesperadamente, oferece a Silva Pinto o dinheiro necessário para o pagamento das dívidas e para sobreviver. Silva Pinto já nem se lembrava dele. Tratava-se de uma criança que, segundo as palavras de Silva Pinto, havia brincado muitas vezes ao colo dele<sup>33</sup>. Quantas crianças foram auxiliadas de modos diversos por aquele leão de coração de manteiga? Ninguém sabe e é possível que ninguém venha a saber. Talvez o próprio Silva Pinto já nem se lembre...

Não se pode deixar de ver a influência directa do mundo espiritual nesses acontecimentos. Os espíritas sabem que nenhuma pessoa é mais importante que as outras no Universo, e que se recebe segundo as acções e os méritos. Pode então concluir-se que Silva Pinto era um homem de

---

físicas e sociais nas quais o espírito viverá sobre a Terra e no mundo espiritual. É fundamental que se leiam os melhores autores espíritas, entre os quais têm o maior relevo Allan Kardec, Chico Xavier e Yvonne Pereira, pois eles trataram com rigor científico este e muitos outros assuntos espíritas. Pode falar-se de bom carma e de mau carma, mas geralmente a palavra é usada, na doutrina espírita, com o sentido de "resultado de más acções". Também se usa a expressão "lei de acção-reacção" como sinónimo de "lei do carma".

bom coração, mais do que parecia, e que ele escondia a sua generosidade por detrás de um véu de seriedade, rigor, indignação e revolta. Contudo, Deus não dorme e tudo vê, dando a cada um de nós segundo as necessidades, méritos e capacidades, tendo por objectivo a nossa evolução e felicidade.

48. «Orgulho!!! Fatal e hórrida palavra! Causa suprema do meu, do teu, do mal de todos!»

Identificação de um dos aleijões humanos que impedem o homem de voar mais alto e em menos tempo.

49. «Primacial origem da minha vida de mártir aí e do martírio da minha vida aqui! Fonte de todas as dores; início de todas as maldades; causal de todos os desesperos!!!

50. Que de coisas trêdas<sup>34</sup> eu podia dizer, evocadas por a lembrança que aquela palavra trouxe aos bicos de pena!

51. Não era esse o meu propósito, porém, ao escrever-te.

52. Não quero afastar-me do que me impeliu a dirigir-me a ti.»

Após a racionalização acerca da problemática em que Silva Pinto está envolvido, fica algo que tem que ser destruído: o orgulho. É essa a razão deste discurso de Camilo contra o seu próprio orgulho. Ele conhece o pensamento de Silva Pinto e sabe que, após toda esta argumentação, só o orgulho pode impedir Silva Pinto de reestruturar a sua maneira de pensar e de viver.

53. «Havia um sentimento no mundo que poderia ter iluminado a negrura da minha vida: - era a religião do Cristo; - mas esse sentimento era facilmente suplantado pela dúvida torturante da minha vida amargurada e pelo orgulho desmesurado de todo o meu ser atrabiliário<sup>35</sup> e revoltoso.»

Camilo reafirma que não pensava assim na sua última existência terrena, e reitera a afirmação que, se tivesse tido alguém a mostrar-lhe o caminho certo, não teria seguido

---

34 **trede**: traiçoeiro, traidor.

35 **atrabiliário**: Do latim "ater (negro) + bilis (bílis)". Diz-se de quem tem o caráter negro como a bÍlis, ou seja, de alguém irascível, que não domina a ira.

pelo caminho largo. É uma forma de dizer a Silva Pinto que Deus lhe dá uma oportunidade e que ele a deve agarrar.

Cristo é apresentado como a solução para o orgulho. Ou seja, seguindo a moral de Cristo, o homem liberta-se do orgulho.

54. «Para ti... para ti...

55. Silva Pinto. É bem estranha e bem inacreditável coisa esta de eu te estar a falar, escrevendo pela mão de um quase desconhecido para nós ambos; mas bem estranhas e inacreditáveis coisas têm modificado o mundo e o homem no seu evolucionar progressivo através dos séculos.»

Camilo aborda a questão do método de transmissão da mensagem e do mensageiro escolhido.

56. «Não te detenhas a pensar nisso. Pouco vale. Não queiras descobrir em um momento o que outros não conseguem com o sacrifício da sua vida inteira.»

O espírito apela ao reconhecimento de que as questões espirituais não podem ser apreendidas todas num momento, e que é natural que Silva Pinto não encontre respostas imediatas para tudo.

57. «Vê, passa pelo cadinho<sup>36</sup> purificador da tua análise de bom e de homem de coração o que deixo dito.

58. Lembra-te de que, quando mesmo seja dito pelo homem que escreve, o que ele escreve está sob a égide do meu nome. Para o escrever pensou em mim, no teu amigo, no teu companheiro, no maior de todos, como me chamas. Isto deve ser para ti respeitável.»

Camilo sugere ao amigo que se concentre mais no teor da mensagem, do que no mensageiro e no modo de produção da própria mensagem.

59. «Quando queiras reagir contra a crença de que sou eu que te aconselha, quem te suplica, quem te implora numa grande ânsia de obtenção, que desvies a tua vista cansada, quase gasta, quase a desaparecer,

---

36 **cadinho**: vaso de argila refractária, de ferro, de prata, de platina ou de outra matéria, que serve para nele se fundirem metais ou outros minerais.

do marnel<sup>37</sup> das paixões terrenas e a elevas ao alto, onde reside Deus, a Bondade e o Belo, pensa, vê, que esse que faz o abnegado serviço de te dizer coisas estranhas e dedicadas o faz em meu nome e como se de mim fossem.

60. São boas? São más?

61. Se são boas aceita-as em lembrança minha; se são más deita-as fora, porque nem em meu nome te dão coisa boa.

62. Mas pela experiência feita de dores te digo que são boas; e se como tais as não receberes e usares, ai de ti meu querido irmão na tortura, ai de ti, que será sempre tarde de mais para arrepiares caminho, e cedo em demasia para verificares o erro!»

Camilo propõe a Silva Pinto o seu julgamento de homem bom, a sua capacidade analítica, a sua experiência de vida, e diz-lhe que se as ideias e conselhos expostos na mensagem são bons, então que os respeite em nome do seu amigo Camilo.

63. «Meu querido amigo, meu santo amigo, tu, que és ainda um pouco do meu sofrimento na terra, um pouco obra do meu orgulho, do meu egoísmo, do meu amargor, ouve-me e atende-me.

64. Não sei se poderei ainda falar-te de novo e a tempo! E não será a menor das dores para mim se tiver de reconhecer que não pude pôr a força da persuasão bastante para fazer-te o bem quando tanta tive para te fazer o mal!»

É o fim da primeira carta. Camilo faz um apelo pungente para que o amigo o oiça, expressando o seu desejo de ter sido suficientemente persuasivo para resgatar Silva Pinto "a tempo", isto é, antes do suicídio.

---

37 **marnel:** terreno alagadiço e argiloso.

\* \* \*

Como ficou demonstrado, trata-se de uma epístola construída cuidadosamente, que usa recursos retóricos de construção textual, que joga com figuras de estilo, que mostra um grande conhecimento da personalidade do destinatário, e que o orienta, do emaranhado em que ele se encontra para a libertação. Os nós da teia são desmanchados cautelosamente, ora aliviando um, ora aliviando outro, desatando um e depois o outro, cuidadosamente, sabiamente.

Se não era Camilo Castelo Branco, quem mais poderia falar assim a Silva Pinto? Seria o próprio Fernando de Lacerda cujos conhecimentos de literatura e de filosofia eram escassos?

## 5. As outras cartas de Camilo

A primeira carta de Camilo a Silva Pinto abriu a obra *Do país da luz*, onde se comunicaram dezenas de espíritos de personagens célebres. Na sua maioria, eram escritores portugueses que vinham testemunhar que a vida continua, e que os únicos pergaminhos aceites no mundo espiritual são a consciência limpa, o trabalho desinteressado a favor do próximo e o honesto estudo que pode iniciar a alma no entendimento das leis de Deus.

Ao longo dos quatro volumes que constituem a obra *Do país da luz*, surgem onze comunicações de Camilo Castelo Branco. Este trabalho não procura esmiuçar todas as comunicações de Camilo, e muito menos todas as comunicações que constituem a obra. A análise pormenorizada da primeira comunicação de Camilo serviu para mostrar que só Camilo poderia ter escrito aquela carta. Sem grande pormenor, apresentar-se-á, de seguida, alguma informação sobre as outras dez cartas que Camilo escreveu pela pena do médium Fernando de Lacerda. É claro que nada do que se diga aqui ou em qualquer outro ensaio substitui a leitura integral da obra *Do país da luz*, cuja leitura se recomenda vivamente.

Pela simples consulta da lista das onze comunicações de Camilo, que se apresenta na página seguinte, é visível que a grande preocupação do insigne escritor era salvar o amigo Silva Pinto, o qual se torna o assunto principal de seis dessas onze comunicações. A participação de Camilo na grande obra de Fernando de Lacerda torna-se menos frequente, à medida que a sua missão atinge o fim: seis das onze cartas apareceram no volume I, três no II, uma no III e uma no IV. As comunicações cujo assunto é Silva Pinto são a 1.<sup>a</sup>, a 2.<sup>a</sup>, a 5.<sup>a</sup>, a 6.<sup>a</sup>, a 9.<sup>a</sup> e a 11.<sup>a</sup>.

Silva Pinto desencarnou em Lisboa, em Novembro de 1911, e Lacerda havia chegado ao Brasil em Julho de 1911. Silva Pinto, já no mundo espiritual, escreve cinco comunicações pela mediunidade de Lacerda, que são publicadas no último volume que o próprio médium já só vê do mundo espiritual, para onde partiu em agosto de 1918. É já Lacerda-espírito que prefacia o 4.<sup>o</sup> volume.

**Lista das cartas de Camilo em *Do país da luz***

- 1.<sup>a</sup> carta** - vol.I p.64 - 1906-10-28  
Assunto: Silva Pinto
- 2.<sup>a</sup> carta** - vol.I p.81 - 1906-11-18  
Assunto: Silva Pinto
- 3.<sup>a</sup> carta** - vol.I p.90 - 1906-11-20  
Assunto: Júlio Dinis
- 4.<sup>a</sup> carta** - vol.I p.93 - 1906-11-20  
Assunto: As dúvidas sobre a imortalidade
- 5.<sup>a</sup> carta** - vol.I p.102 - 1906-11-24  
Assunto: Silva Pinto
- 6.<sup>a</sup> carta** - vol.I p.132 - 1906-12-02  
Assunto: Silva Pinto
- 7.<sup>a</sup> carta** - vol.II p.72  
Assunto: A identidade do próprio Camilo-espírito
- 8.<sup>a</sup> carta** - vol.II p.77  
Assunto: A identidade do próprio Camilo-espírito
- 9.<sup>a</sup> carta** - vol.II p.193  
Assunto: Silva Pinto
- 10.<sup>a</sup> carta** - vol.III p.132  
Assunto: Reflexões éticas
- 11.<sup>a</sup> carta** - vol.IV p.224  
Assunto: Silva Pinto

**Assim, por volume:**

- No volume I - 6 cartas
- No volume II - 3 cartas
- No volume III - 1 carta
- No volume IV - 1 carta

**1.ª carta** - vol.I p.64 - 1906-10-28

Assunto: Silva Pinto

Trata-se da carta analisada anteriormente, escrita por Camilo a Silva Pinto para o persuadir a mudar a atitude mental face à vida, como foi visto.

**2.ª carta** - vol.I p.81 - 1906-11-18

Assunto: Silva Pinto

Camilo dirige-se ao médium como “meu querido médium” e comunica-lhe que ele estava presente, quando Lacerda foi visitar Silva Pinto. Camilo afirma duas vezes que Lacerda leu a carta a Silva Pinto. Ele estava lá e não se limitou a presenciar a visita de fora. Camilo leu o pensamento de Silva Pinto, perscrutou-o, sentiu as suas dúvidas e a sua comoção. Atribui as vacilações de Silva Pinto ao “orgulho maldito” contra o qual se debatia “o seu talento enorme”. Dirigindo-se a Lacerda, Camilo diz: “(Silva Pinto) via bem que o que lhe lias, era meu e bem meu”. Camilo fica contente pois sabe que conseguira semear a dúvida no coração de Silva Pinto, e explica a Lacerda o seu plano, comparando o seu trabalho com o de alguém que, querendo fazer rolar uma enorme pedra, bate com uma marreta numa pequena cunha férrea no sítio certo para provocar o desequilíbrio. É uma imagem cheia de metáforas, que ocupa quase uma página. Diz Camilo a Lacerda: “Façamos-lhe sentir que não há maior fraqueza do que a fraqueza de opinião.” O grande escritor tem um plano perfeitamente delineado. Aquela é a sua tarefa de momento, e ele usa toda a sua inteligência para salvar Silva Pinto. Empenha-se. Estuda o amigo. Mostra a Lacerda o seu plano e executa-o pouco a pouco. Camilo é um coração aberto, um homem franco e verdadeiro. Com a mesma facilidade com que reconhece que Silva Pinto tem uma inteligência privilegiada e um coração grande, diz que o orgulho e a vaidade o impedem de questionar a sua vida e a sua obra literária. Argumenta que, ainda que a eternidade não existisse, Silva Pinto certamente prefere morrer de coração sossegado do que com o “ódio a fulminar dos olhos”.

Termina a mensagem dizendo:

«Amigo Silva Pinto: (...) Sou eu, o grande Camilo, como me chamavas, que entrou na imortalidade (...). Recua! Recua! Salva-te! Salva-te! que a teus pés está o abismo pavoroso (...)!»

O amigo grita-lhe do além-túmulo, do além tiro na cabeça, do além suicídio, para lhe pedir veementemente que não cometa a mesma asneira.

Esta mensagem termina com uma nota de Fernando de Lacerda, que se reproduz na íntegra:

«Quando li ao Ex.mo Sr. Silva Pinto a segunda carta a ele dirigida, este grande espírito, disse, profundamente comovido, que se era bem Camilo que se lhe dirigia, como parecia ser, visto não poder admitir que houvesse quem escrevesse aquela carta senão Camilo, lhe dissesse o que havia de fazer; que o aconselhasse; porque ele era ainda obra sua; o seu modo de pensar, a sua descrença, eram ainda produto das suas lições; porque nunca lhe ouvira coisa que se parecesse com o que lhe dizia agora.

Outras coisas disse mais sob penosa e estranha impressão, a que Camilo respondeu simplesmente:

- Responderei.

Dias depois escreveu a comunicação inserta na página 81.<sup>38</sup>»

Esta nota de Lacerda é de suma importância. Dela se depreende o que se segue:

1. Silva Pinto, discípulo de Camilo, bom conhecedor do estilo do insigne romancista, identificou-o.

2. Havia já em Silva Pinto, por detrás daquele homem austero e polémico, uma inteligência brilhante, um coração enorme e uma grande disponibilidade para compreender o mundo espiritual;

3. Camilo não se precipita. Não responde de imediato a Lacerda. Vai reflectir, e dá a resposta passados dois dias.

---

38 Deveria ser o número da página do 1.º volume de *Do país da luz*, onde começa a 5.ª carta de Camilo. Contudo, na edição consultada, esse número não está correto, pois a referida mensagem de Camilo aparece na página 102, não na 81. A 3.ª e a 4.ª carta tratam de outros assuntos. Consultar Bibliografia.

4. A humildade e coragem do médium. Fernando está ali para servir, sempre pronto, esforçando-se por fazer a sua parte para que o plano de Camilo chegue a bom termo.

### 3.<sup>a</sup> carta - vol.I p.90 - 1906-11-20

Assunto: Júlio Dinis

A terceira comunicação de Camilo surge no mesmo dia em que o escritor Júlio Dinis<sup>39</sup> envia a sua primeira comunicação a Fernando de Lacerda. É visível que, por essa altura, Camilo anda bem por perto de Lacerda.

Camilo e Júlio Dinis são considerados escritores de transição<sup>40</sup> entre o romantismo e o realismo. Apesar de serem rotulados do mesmo modo ("escritores de transição"), o estilo e as preocupações de cada um são distintos. Camilo descreve a dor, o desgosto, as traições, a morte, os crimes, a falta de ética, os grandes exemplos morais, a partir das entranhas, com fervor, dor e amor, com lágrimas e sangue, e algumas vezes com bílis também. Em Júlio Dinis o mundo é cor-de-rosa e azul bebé, havendo sempre uma docilidade latente na análise dos caracteres e das situações. É isto mesmo que Camilo diz na sua terceira mensagem, mas do modo genial que lhe é peculiar.

Camilo começa por informar Lacerda de que a comunicação anterior era mesmo de Júlio Dinis. Talvez tenha lido a dúvida na mente do médium e quisesse descansá-lo. Comparando o estilo das suas próprias comunicações com a de Júlio Dinis, diz Camilo:

«Uma<sup>41</sup> é o lago onde se espelha o céu azul e onde as rosas da margem se debruçam e remiram; as outras<sup>87</sup> são o tumultuar das ondas indómitas, referendo o lodo e a vasa, arremessando contra as rochas escarpadas e

---

39 Pseudónimo do escritor e médico português Joaquim Guilherme Gomes Coelho (1839-1871).

40 A expressão "escritores de transição" assume carácter técnico em literatura portuguesa.

41 Por "uma" e "as outras", Camilo refere-se primeiro à mensagem de Júlio Dinis (uma), depois às suas próprias mensagens (as outras).

arrendadas de mil agulhas o corpo dilacerado e sanguento de um naufrágio infeliz do batel da vida.»

Depois continua a criar outras imagens ilustrativas da diferença estilística entre os dois romancistas.

A terceira comunicação de Camilo termina com este parágrafo de grande beleza profética:

«Enquanto se ler português há-de ler-se, e talvez amar-se a minha obra; enquanto houver bondade e amor no mundo há-de compreender-se e estimar-se a obra de Júlio Dinis.»<sup>42</sup>

Na compilação *Inéditos e esparsos*<sup>43</sup>, que contém cartas e outros textos de Júlio Dinis e de outras pessoas que com ele se relacionaram, surgem quatro referências a Camilo Castelo Branco: duas de Júlio Dinis e outras duas de um leitor admirador de Camilo e de Júlio Dinis.

Faustino Xavier de Novais, autodidacta em literatura, nas páginas 537 e 538 da compilação *Inéditos e esparsos*, tece elogios a Júlio Dinis, numa carta que lhe envia, dizendo-se discípulo do grande Camilo e grande admirador de Júlio Dinis. É curioso como o mesmo leitor junta nos seus elogios os nossos dois escritores de transição. Ele chega mesmo a afirmar-se “fanático” por Camilo. Trata-se de um português pobre que vivia no Rio de Janeiro, cuja ligação à pátria distante e saudosa era feita pela leitura dos nossos autores.

Na página 872 da mesma obra, é o próprio Júlio Dinis, que numa carta escrita ao amigo Custódio Passos, em 1869, conta que alguém lhe perguntara que relações tinha com Camilo; ao que ele respondera com “indiferença”, que eram

---

42 Camilo elogia a bondade visível nas obras de Dinis, enquanto atribui às suas próprias obras qualidades literárias, que fruirão a eternidade da Língua Portuguesa. Por outro lado, ele silencia-se sempre em relação às qualidades morais da sua obra, o que é um traço de humildade. Alguém que não conheça a obra camiliana poderia pensar que nela só existisse a revolta e os desgostos, mas lá lê-se também sobre os mais altos valores da vida.

43 Usou-se a seguinte edição: DINIS, Júlio, *Obras de Júlio Dinis*, Lello & Irmão Editores (Porto), dois volumes em papel bíblia. As alusões a Camilo Castelo Branco encontram-se nas páginas 537, 538, 872 e 873.

“poucas”. A pergunta surgira devido à casualidade dos dois escritores se terem encontrado por esses dias na capital. Na página 873, numa carta escrita passados oito dias ao mesmo Custódio Passos, Júlio Dinis afirma<sup>44</sup>:

«Ontem descendo o Chiado, esbarrei cara a cara com não menor personagem do que Camilo Castelo Branco. Se fosse no Porto, saudar-nos-íamos muito cerimoniaicamente e passaríamos. Aqui foi outra coisa. O *amável* romancista dirigiu-se-me com maneiras tão afáveis, que dir-se-ia sentir um real prazer em me encontrar.

Queixou-se-me por miúdo dos seus males físicos, que o tinham obrigado também a vir a Lisboa; das suas apreensões a respeito de uma suposta doença de espinha medular (e alguns fundamentos tem para a suposição), das canseiras que lhe tinha dado a doença de um filho, obrigando-o isso a dias de continuada vigília; informou-se dos meus padecimentos, deu-me conselhos, sentiu do *coração* que a minha doença me não deixasse escrever; e terminou oferecendo-me a sua casa. Separámo-nos como grandes amigos, depois de um tête-à-tête de um quarto de hora.

O homem está realmente muito escavacado. Ele diz que morre saciado - porque soube viver muito em 42 anos.»

Deste excerto depreende-se um pouco da maneira de ser de Júlio Dinis e de Camilo. A indiferença britânica de Júlio Dinis, que não esconde ao destinatário da carta alguma hostilidade para com o grande romancista, consegue tornar-se comedidamente afável perante o sangue lusitano de Camilo.

Chegando a determinado patamar evolutivo, as portas da espiritualidade escancaram-se aos olhos das almas, e naturalmente elas alteram conceitos sobre o mundo e a vida. Contudo, não passamos a ser outras pessoas, e mantemos muitas das características que constituem a nossa personalidade. Quem tenha estudado um pouco a vida e a obra destes dois escritores, reconhece com facilidade os mesmos actores, mesmo quando estão noutra palco.

---

44 O excerto está citado na íntegra, e as palavras em cursivo são do original.

**4.<sup>a</sup> carta** - vol.I p.93 - 1906-11-20

Assunto: A dúvida sobre a imortalidade

Encontrava-se Lacerda em conversação com os coroneis M.S. e M.C. e com o dr. M.F.. O tema eram as comunicações mediúnicas que Lacerda apresentava assinadas por personalidades públicas. Eles não acreditavam. Procuravam argumentos em que a dúvida se pudesse comprazer. Julgavam que seria a inteligência de Lacerda, que num estado especial produzia as comunicações. Lacerda responde que se sujeitaria a uma experiência a fim de que as dúvidas fossem dissipadas, ao que um deles perguntou: "Quando?". Nesse momento, olhando por acaso para o lado, Lacerda vê Camilo que lhe acena positivamente com a cabeça, e responde ao interlocutor: "Já."

O que se seguiu foi espantoso. O médium conversa com os outros três cavalheiros que discutem animadamente os assuntos com ele, enquanto a mão de Lacerda, a uma velocidade incrível, escreve uma mensagem de uma página, sem uma rasura. No fim da mensagem surge a assinatura de Camilo Castelo Branco. O tema da comunicação é precisamente o que se adequa à conversa em que os quatro reencarnados se entretinham: o tema tratado por Camilo tinha sido a dúvida sobre a imortalidade.

**5.<sup>a</sup> carta** - vol.I p.102 - 1906-11-24

Assunto: Silva Pinto

"Chegou o momento de eu dar a resposta ao Silva Pinto."

Assim começa esta comunicação de Camilo, que afirma preferir persuadir o amigo do que maravilhá-lo, e que prefere ser amado e acarinhado do que admirado. Esta é a razão pela qual se dirigiu a Silva Pinto de outro modo, como um irmão mais velho, não mais como o mestre ao discípulo.

Mas Silva Pinto não o entendeu. Camilo gostaria que o amigo se convencesse mais depressa, mas não foi isso que aconteceu. Silva Pinto alimenta agora a dúvida de modo irracional: porque Camilo não era assim tão afectuoso, e porque Camilo tinha agora outra opinião da eternidade.

Se Camilo lhe escrevia após a destruição do corpo físico, logicamente Camilo tinha estado errado e, vendo-se vivo, teria logicamente alterado os seus conceitos sobre a vida após a morte. Que queria Silva Pinto? Que Camilo lhe viesse dizer que a vida espiritual não existia? Seria um absurdo! Silva Pinto refugia-se também no argumento de que Camilo não o tratava por "tu". Mas se ele o viesse tratar por "você", esse facto constituiria alguma prova de que ele fosse Camilo? A inteligência brilhante de Silva Pinto chegara a um ponto sem retorno, e ficava illogicamente a martirizar-se sem argumentos, paralizada pelo orgulho e pelo medo. Agora, de nada valeria argumentar, especular ou filosofar. Camilo sabe disso. A rocha descomunal tinha começado a ceder.

A alavanca usada é agora outra. Camilo repete oito vezes (!) a seguinte frase:

«Deixa falar o teu coração.»

Vencida a incredulidade no domínio da inteligência, o mestre dá lugar ao irmão mais velho, que lhe fala de amor.

#### **6.<sup>a</sup> carta** - vol.I p.132 - 1906-12-02

Assunto: Silva Pinto

Passados oito dias da última mensagem, Camilo volta à carga, começando assim a comunicação:

«Ainda mais uma vez Silva Pinto.

Cumpri o meu dever. Agora Deus tenha piedade dele.

Falei-lhe ao coração, à alma e à razão. Não sei a que outros sentimentos se possa conduzir a verdade pelo afecto pela lógica e pelo raciocínio.»

O resto da mensagem é a continuação das ideias expressas na última mensagem, com mais alguns dados. Afirma Camilo, e é verdade, que nem sempre Silva Pinto o ouvira descrever na vida após a morte, pois o próprio Camilo lhe havia contado casos que o "estareciam".

Camilo está agora triste e sem saída. É o momento de parar e esperar que a misericórdia divina faça o resto. Está o grande romancista num daqueles momentos em que o ser humano sente que o trabalho é do homem, mas o sucesso pertence a Deus. Desabafa Camilo:

«Para ser incontestavelmente o seu Camilo tinha que me dirigir a ele naquele velho tom amargo que me conhecia; havia de maldizer de todos e da vida, e ansiar pela morte próxima, como habitualmente fazia, como esperança derradeira do único sossego possível. Não fiz isso, logo não era eu.»

Silva Pinto perguntara a Camilo, através de Lacerda, o que havia de fazer. Contudo, não esperou pela resposta. Entre aceitar a solução de Camilo, que ele sabia qual era, e manter o ceticismo de que aquele fosse mesmo Camilo, o orgulho e a vaidade de Silva Pinto optaram pela solução mais fácil: negar que aquele fosse Camilo. É que a argumentação de Camilo tinha sido demasiado certa, provocando o pânico em Silva Pinto! Ele viu à sua frente a futilidade dos seus livros, a insanidade da sua obra, a vacuidade da sua vida. Viu o nada. Viu-se vazio. É doloroso. Silva Pinto era um bom homem, de grande coração, e de uma inteligência brilhante, mas havia passado a vida a queixar-se dos maus e dos injustos, esgrimindo sobre ninharias, deixando que a sua obra se contaminasse e deixasse absorver pelas querelas literárias. Houve quem chamasse a Silva Pinto "o último grande polemista"<sup>45</sup>. Não é fácil. Camilo quer salvar o amigo... mas quanta coragem o amigo tem que ter para se deixar salvar!? É uma tragédia sentir que a vida toda valeu pouco, que os livros escritos pouco valem. Enfim, sabemos hoje que algo de muito positivo ficou da obra de Silva Pinto... Bem, sabem alguns...<sup>46</sup>

---

45 Nesse tempo, em Portugal, a polémica era vista como algo semelhante a um género literário.

46 Efectivamente, embora Silva Pinto não tivesse escrito nenhum livro especialmente apreciado, ele foi cointrodutor da escola realista-naturalista em Portugal, ele foi organizador e editor da obra de Cesário Verde (um dos grandes poetas portugueses - o maior da escola

**7.<sup>a</sup> carta** - vol.II p.72

Assunto: A identidade do próprio Camilo-espírito

Camilo desculpa-se por não visitar o médium há muito tempo, e afirma-se satisfeito por ter dado início a um trabalho valioso de informação sobre a vida espiritual, que foi continuado por outros, dizendo ao médium que ainda outros virão. Dá a impressão que Camilo tem alguma informação acerca do plano de trabalho da espiritualidade superior.

Após a pintura da imagem de um lavrador a que ele mesmo se compara, Camilo mostra que a sua preocupação é que o identifiquem. Isso é fundamental para a salvação de Silva Pinto, de que ele não fala nesta mensagem. Mas Camilo tem também outra intenção. Sabendo que o seu nome se tinha celebrizado na Terra, pela magnificência da sua obra literária, Camilo procura usar esse nome respeitável para colaborar no trabalho espiritual de divulgação da ideia de que somos seres imortais. No entanto, debate-se com os preconceitos, orgulho e medo com que habitualmente os espíritas se debatem. Acaba por dizer resignado:

«Depois de se negar Deus, que importa que me neguem e que neguem a verdade desta minha ação desinteressada?»

**8.<sup>a</sup> carta** - vol.II p.77

Assunto: A identidade do próprio Camilo-espírito

Camilo continua a esforçar-se em mostrar que sobreviveu à morte do corpo físico.

Chicoteia os argumentos néscios dos coevos, e parece ter decidido mesmo usar um estilo mais semelhante ao que havia usado na vida terrena, certamente na tentativa sisífica de abrir os olhos aos que se esforçam por cerrá-los. Volta a referir-se à dificuldade em expressar-se livremente, uma vez que deve usar o acervo linguístico à disposição no

aparelho mediúnico. Compara a situação com o trabalho do tipógrafo que deve usar os caixotins que tem à sua disposição. Dá a explicação com algum pormenor e termina dizendo:

«Limite-me a expôr o que penso e quero, com a correntia facilidade que o teu intellecto me faculte e a tua quase absoluta ignorância da minha obra literária me permita.»

Camilo afirma que havia um meio de se tornar reconhecido: era zurzir nos canalhas, como dantes fazia; mas que não o faria, pois tais atitudes tinham ficado com o corpo a apodrecer na Terra. A linguagem é virulenta, acrimoniosa, lembrando o velho Camilo que desancava nos maus do mundo, ou simplesmente nos que lhe faziam frente.

Sente-se algum desânimo por não poder usar de modo mais eficiente o seu próprio bom nome deixado no mundo. Ele debate-se, argumenta, muda o seu estilo actual, afável e caridoso, para um mais belicoso, na esperança de ser reconhecido. Na obstinação, continua o mesmo Camilo que não desiste.

### **9.<sup>a</sup> carta** - vol.II p.193

Assunto: Silva Pinto

A última mensagem do 2.<sup>o</sup> volume repesca o tema com que a obra começou: Silva Pinto.

É uma resposta ao Silva Pinto, que queria saber se ele devia ir a São Miguel de Ceide visitar a casa de Camilo, à aldeia onde Silva Pinto havia várias vezes visitado o amigo. Há elementos que escapam ao leitor. Será que Lacerda transmitiu a Camilo essa preocupação de Silva Pinto? Será que o próprio Camilo leu a mente do amigo? O leitor não sabe.

Camilo está satisfeito. Diz ele que “Silva Pinto se prepara para bem morrer”. E acrescenta a Lacerda: “Foi a nossa cunha. Partimos, estilhaçamos o bloco do seu orgulho, de que se ufanava!” Segundo o grande romancista só faltava a Silva Pinto assumir bem alto para o mundo, como ele sabia fazer, a sua crença na

imortalidade da alma.

Se devia ir a São Miguel de Ceide? A resposta de Camilo é clara:

«Que vá a São Miguel. É preciso que vá. Não por mim, por ele. (...)

Que vá. Há-de fazer-lhe bem. Há-de sentir-se bem. (...)

Que vá a São Miguel. Os cristãos iam a Jerusalém robustecer a fé; os maometanos a Meca. Vá o Silva Pinto a S. Miguel.»

A última parte é manifestamente uma manifestação de bom humor da parte do espírito Camilo.

### **10.<sup>a</sup> carta** - vol.III p.132

Assunto: Reflexões éticas

O 3.<sup>o</sup> volume abre com um prefácio de Silva Pinto, no qual o escritor assume a sua crença em Deus e na imortalidade da alma. Terá sido uma resposta ao desejo de Camilo, expresso na 9.<sup>a</sup> mensagem, de que só faltava a Silva Pinto gritar bem alto a sua nova crença? Estamos convictos de que sim. O prefácio é de 1 de abril de 1911, e Silva Pinto havia de desencarnar em 4 de novembro do mesmo ano, passados quase oito meses. A missão de Camilo estava consumada.

Camilo começa esta mensagem afirmando algo surpreendente:

«Profunda alteração foi feita em todo o meu ser espiritual, desde a minha última comunicação.»

E mais à frente:

«Quero pôr agora a minha face só voltada à luz, que me vem do alto.»

De seguida vêm reflexões sobre a vida e os valores.

Sabemos pela obra de Yvonne Pereira, *Memórias de um suicida*, que Camilo estudou aprofundadamente várias matérias no mundo espiritual, entre elas o esperanto, o idioma da fraternidade universal. Os seus estudos levaram-no a grandes reflexões e a grandes decisões.

Desde 1906 que Camilo vinha à Terra não só para visitar Lacerda e o amigo Silva Pinto, mas também em missões socorristas a encarnados e desencarnados.

Os leitores menos familiarizados com estes assuntos, podem pensar que o mundo espiritual é um espaço onírico, onde as almas em estado mais ou menos inconsciente se encontram inactivas e, portanto, ociosas. Nada mais errado. O mundo espiritual é tão real para os que lá estão, quanto o é o mundo físico para os que cá estão. Do lado de lá da vida, os espíritos mais consciencializados da obra de Deus, desdobram-se em actividades múltiplas, formando sociedades muito diligentes que visam a participação na obra divina através do auxílio aos seus irmãos. Movidos pela energia do amor, a única energia inesgotável, eles encontram a felicidade na prática da caridade, que pode ser definida como o amor em acção. Estão contentes por terem descoberto o verdadeiro sentido da vida, e têm como único desejo serem servidores fieis da vontade de Deus.

Na obra citada de Yvonne Pereira, o capítulo IV da 3.ª parte, "Homem velho", informa-nos que Camilo, num processo de regressão de memória, feito na cidade espiritual onde vivia, tinha obtido muitas informações sobre o seu passado espiritual. Naturalmente, tais dados aprofundaram-lhe o conhecimento de si mesmo, revelaram-lhe o que na realidade é importante na vida, e levaram-no a tomar decisões importantes sobre o seu novo rumo.

Ao dizer nesta mensagem: "Profunda alteração foi feita em todo o meu ser espiritual, desde a minha última comunicação."; parece-nos evidente que Camilo se refere à experiência anímica de recordação das suas existências anteriores. E de seguida, ele resume todos os seus objectivos deste modo profundamente religioso: "Quero pôr agora a minha face só voltada à luz, que me vem do alto."

**11.ª carta** - vol.IV p.224

Assunto: Silva Pinto

Última mensagem de Camilo na obra *Do país da luz*. O assunto a tratar é Silva Pinto, mais uma vez, mesmo na sua última mensagem. Neste momento, Silva Pinto já havia desencarnado. Camilo afirma que Silva Pinto fora "a pedra angular da nossa obra" e que tudo fizera por ele.

Esta mensagem surge depois das duas primeiras mensagens do espírito Silva Pinto, em que se verifica que o atormentado escritor se encontrava ainda perturbado.

Camilo afirma que Silva Pinto havia morrido, mas que a tortura a que a vida terrena o tinha submetido lhe deixara marcas profundas na organização perispiritual. Diz ele do amigo:

«Entrou aqui num estado de sereno espanto. Foi como se acordasse de um pesadelo, ou emergisse da superfície de um pântano.»

E continua, feliz, ao falar do amigo querido:

«Hoje, se não está como a minha amizade o apetecia, está, entretanto, tão feliz quanto pode estar quem na Terra só cuidou semear o bem e só conseguiu recolher o mal.

Não veio purgar culpas e desacertos. Assaz o fez aí (...)

E mais à frente, as palavras felizes:

«A nossa obra conseguiu o fim almejado. Dum revoltado fizemos um crente.»

Camilo goza agora do contentamento do trabalhador consciente e respeitador da vontade divina. O seu amor fraternal ao amigo Silva Pinto é genuíno, pois apenas quis ver o amigo salvo e feliz, não desejando qualquer outra recompensa.

## Conclusão

Está cientificamente provada a identidade de Camilo na obra *Do país da luz*? Claro que não. Contudo, a maioria das coisas em que acreditamos na vida, de modo inabalável, não são comprovadas cientificamente. De modo simples, digamos que a entidade que assim se expressa em *Do país da luz* só pode ser Camilo Castelo Branco.

Quem mais poderia ser? Como se explica a obra de Fernando de Lacerda? Por um acto desonesto cometido durante doze anos (1906-1918) sem qualquer recompensa? Por que faria Lacerda tal intrujice? E como a faria, se ele mesmo, se bem que fosse um homem inteligente, não dispunha de cultura, nessa existência, para escrever tais textos?

Será que este fenómeno é explicável por uma teoria nebulosa de divisão da personalidade de Lacerda em dezenas de autores conhecidos, captando a personalidade e os conhecimentos de todos esses autores, que escreviam pela mão de Lacerda enquanto este conversava com outras pessoas sobre outros assuntos? A crença em tal possibilidade é bem mais extraordinária do que a doutrina espírita de Allan Kardec. Se tal fosse possível, estaríamos no limiar do super-homem. Assim, não seria necessário estudar nem aprender para obter bons resultados. Bastaria entrar num estado especial, a personalidade dividir-se-ia, e por artes mágicas captaria os saberes, de pessoas que tivessem morrido, a partir do nada!, uma vez que o autor de tal teoria não crê que a alma sobreviva ao corpo. Onde iríamos buscar a personalidade do morto? Às células do corpo físico? Mas as células que animaram o pobre corpo do Camilo já se tinham dissolvido na terra. As moléculas de água são apenas água, e as de carbono são apenas carbono. Até hoje, não foi reconhecida à água nem ao carbono a capacidade de escrever com eloquência. Dirão os artífices de tal teoria, que há algo vivo que terá ficado daquele ser a que chamávamos Camilo, e a quem amávamos. E eu respondo-lhes: "Há, sim senhor! Chama-se espírito e é imortal!"

Não acreditemos em milagres. Todo o Universo está sujeito a leis, criadas pelo seu Criador, como nos parece evidente. Só quem estudou e aprendeu, nesta existência ou noutra, é que tem conhecimentos e desenvolveu a inteligência de modo notável. Não se capta do nada o que quer que seja. Isso sim, é anticientífico. Tais teorias não são mais que artifícios anticientíficos dos que, empunhando títulos e diplomas, falam do que não conhecem, desejando negar a evidência da vida espiritual, a eternidade do espírito e a perfeição de Deus. Lançam-se em voos quiméricos, em explicações absurdas e em dúvidas sistemáticas, com raciocínios que denotam impreparação completa neste objecto de estudo. Assemelham-se a astrónomos que, desconhecendo completamente o que seja a biologia, apontam o telescópio para a célula e dizem de modo douto: "As células não existem, pois não as vi com o meu telescópio." Eles buscam a explicação científica, mas não têm a humildade de aprenderem com quem já percorreu o caminho. O orgulho e a vaidade cortam-lhes as asas que os poderiam alçar a mais altos voos. O aplauso do mundo é para eles muito mais importante que a verdade científica. Eles não querem saber a verdade. Em muitos casos, eles não acreditam sequer que exista uma verdade independente daquilo que o homem circunstancial sabe. São os novos sofistas. Senhores da verdade subjugada às conveniências. Senhores da verdade vendida à aprovação social. Senhores da sua verdade.

Espíritas e outros espiritualistas<sup>47</sup> argumentam e argumentam, desdobrando-se em explicações e trabalhos para lhes abrirem os olhos. Vale a pena? Talvez valha. Deve valer, ou os espíritos esclarecidos não se continuariam a esforçar. Mas nós, meros aprendizes, não vemos o plano todo, e sentimos que o nosso trabalho valeu pouco ou nada, ao vermos como a vaidade humana continua a obscurecer espíritos que já denotam alguma evolução, mas que continuam a preferir a vida material à espiritual. Eles têm medo. Parecem a rã que queria ser boi, e por isso incham,

---

47 Os espíritas fazem este tipo de distinção entre **espiritismo** e **espiritualismo**: espiritualismo é qualquer doutrina que creia em algo não material, isto é, em Deus, almas, espíritos ou outras entidades não físicas; o espiritismo é uma das muitas doutrinas espiritualistas.

incham, incham de orgulho. Depois, como na fábula... rebentam.

Olhando de frente para a eternidade da vida, estariam em terreno incerto, que não dominam. Talvez tivessem que repensar muitos dos conceitos por que se bateram durante a vida, talvez tivessem que reconhecer que estavam errados, talvez tivessem até que reconhecer que aqueles que eles consideram pequenos e pouco importantes estavam afinal certos e são enormes. "Afinal", pensam eles, "se mais mundo houver para além da vida física, logo saberei na altura, quando a vida do corpo se findar." E assim, a consciência do homem se vai iludindo, por orgulho e por medo, e vai atrasando a hora da verdade, em que o ser, em toda a sua magnitude feita de inteligência, ciências, filosofias e artes, se vê finalmente acorado perante a infinitude de Deus, tendo que reconhecer que todo o seu saber se aproxima mais do zero do que do infinito.

Deus tenha piedade deles! Todos os que desafiam a lei do progresso são dignos de piedade. Quando os esforços da espiritualidade superior se mostrarem infrutíferos no esclarecimento, devido à obstinação da criatura em estabilizar num patamar da escada que, necessariamente, a conduz a Deus, a dor será o mestre a que a alma não poderá fechar os olhos, e que a obrigará a subir mais um pouco a escada da vida.

Diz o povo: "quem não vai a bem, vai a mal." Dirão eles que Deus é injusto, prepotente e violento, como afirmam até laureados com o nobel da literatura. Que queriam eles? Que Deus os deixasse ficar paralizados no patamar evolutivo onde se encontram? Que Deus eliminasse a lei do progresso para contentar as criaturas que não desejam mais evoluir? A alma tem que sentir e compreender a necessidade de progresso. Contudo, ela tem o seu livre-arbítrio que a leva, algumas vezes, caprichosamente, a questionar as leis do Cosmo. Então, o Universo fá-la sentir, de modo mais intenso, que está no momento de evoluir, ainda que a alma não o deseje. Ao resultado desse esforço mais intenso, dá o Homem o nome de "dor". Não se trata de uma retaliação de Deus nem de uma vingança do Universo. Trata-se apenas da lei a que a própria alma se sujeitou, ao tentar desviar-se das necessidades evolutivas.

O homem não pode encontrar explicações científicas para muitos dos fenômenos que o rodeiam, mas seria ainda menos científico negar a existência do fenômeno quando ele é evidente, universal e intemporal. É o que se passa com as manifestações dos espíritos que nos vêm dizer que continuam a viver, mesmo após a morte do corpo físico. As manifestações espirituais existem desde sempre. Todas as civilizações tiveram os seus intermediários entre os espíritos e os homens. Pode negar-se e negar-se os fenômenos, mas a sua comprovação científica está provada pela história.

Resta-nos assim a utilização de uma metodologia que nos dê uma certeza probabilística, baseada no conhecimento da espiritualidade, fundamentada sobretudo na codificação espírita, e ampliada em autores como Fernando de Lacerda, Chico Xavier, Yvonne Pereira, Herculano Pires, Hermínio Miranda e muitos outros. Tal metodologia escapa tanto ao não-espírita, quanto a metodologia usada na investigação da física quântica escapa a quem não a tenha estudado.

Para acalmar a nossa frustração de mensageiros bem intencionados, pois gostaríamos de abrir os olhos aos que ainda sobrevalorizam o mundo material, lembremo-nos que todos nós precisamos de uma estrada de Damasco, ou de um amigo como Camilo, para nos tornarmos conscientes de que somos seres imortais.

Naturalmente, muitos continuarão a duvidar, mas a cegueira espiritual é um direito que Deus dá às criaturas em certos estádios de evolução. Há quem veja espíritos e corra ao psiquiatra dizendo que sofre de alucinações, mas outros nunca viram um espírito, e no entanto nunca duvidaram da existência deles.

Não se trata de acreditar cegamente, mas de estar disponível, de coração aberto, sem preconceitos culturais motivados pelo orgulho, para compreender algo de diferente, um outro aspecto da Natureza, do Cosmo, que ainda se encontra fora de cogitação da maioria dos seres humanos. Os instrumentos para se entender o mundo espiritual são principalmente um coração disponível e uma mente aberta e racional.

\* \* \*

Camilo! Ó grande Camilo!

O eminente romancista português, compreendendo agora de modo mais racional a construção ética do Universo, apressa-se em vir à Terra salvar o amigo Silva Pinto, colocando a sua genialidade retórica e toda a sua brilhante inteligência ao serviço do amor ao próximo, da vontade da espiritualidade esclarecida e das leis de Deus. Deste modo, começou a magnífica obra de Fernando de Lacerda, e a espiritualidade superior abriu caminho a que uma plêiade de intelectuais, muito diferentes uns dos outros, viessem testemunhar que a vida continua após a morte do corpo biológico.

A obra *Do país da luz* será sempre lida e apreciada por gerações sucessivas de espíritas portugueses. Aqueles que vêem na Língua Portuguesa a sua pátria, como Fernando Pessoa, desejarão saber o que disseram alguns dos construtores dessa pátria, após terem viajado para o país da luz.

## ***Índices da obra Do país da luz***

### **Índice por volume**

<b>Capítulo</b>	<b>Volume 1</b>	<b>Pág.</b>
	Dedicatória da editora	5
	Apresentação	6
	Abertura - F.E.P.	9
	Nota biográfica de Fernando de Lacerda	11
	Prólogo	13
	Nota biográfica do Dr. Sousa Couto	48
	Palavras necessárias	49
	Dedicatória: a minha mãe (do autor)	53
	Dedicatória: aos meus pequeninos (do autor)	54
	<i>O país da luz</i> - João de Deus (poema)	56
<b>1</b>	Eça de Queirós	57
<b>2</b>	Camilo Castelo Branco	64
<b>3</b>	Heliodoro Salgado	71
<b>4</b>	Napoleão	76
<b>5</b>	Camilo Castelo Branco	81
<b>6</b>	Júlio Dinis	87

---

<b>Capítulo</b>	<b>Volume 1</b>	<b>Pág.</b>
<b>7</b>	Camilo Castelo Branco	90
<b>8</b>	Camilo Castelo Branco	93
<b>9</b>	Alexandre Herculano	95
<b>10</b>	Camilo Castelo Branco	102
<b>11</b>	Eça de Queirós	109
<b>12</b>	João de Deus	113
<b>13</b>	Eça de Queirós	114
<b>14</b>	João de Deus	122
<b>15</b>	Émile Zola	125
<b>16</b>	Um marinheiro	127
<b>17</b>	Diversos - A esmola	129
<b>18</b>	Camilo Castelo Branco	132
<b>19</b>	César Cantu	135
<b>20</b>	Visconde de Seabra	143
<b>21</b>	António Feliciano de Castilho	147
<b>22</b>	Victor Hugo	151
<b>23</b>	João de Deus	155
<b>24</b>	Eça de Queirós	159
<b>25</b>	Eça de Queirós	166
<b>26</b>	Fontes Pereira de Melo	170
<b>27</b>	Michelet	177

---

<b>Capítulo</b>	<b>Volume 1</b>	<b>Pág.</b>
<b>28</b>	João de Deus	182
<b>29</b>	Eça de Queirós	183
<b>30</b>	Padre António Vieira	185
<b>31</b>	Júlio Dinis	189
<b>32</b>	Leão XIII	192
<b>33</b>	Manuel Pinheiro Chagas	194
<b>34</b>	Mousinho de Albuquerque	197
<b>35</b>	Eça de Queirós	203
<b>36</b>	Júlio Dinis	207

---

Capítulo	Volume 2	Pág.
	Uma verdade... um desejo... um conselho!	4
	A... (dedicatória)	7
	Ao Dr. José Alberto Sousa Couto	8
	Prólogo	9
	Palavras minhas	19
<b>1</b>	Eça de Queirós	23
<b>2</b>	Eça de Queirós	29
<b>3</b>	Carlos Lobo de Ávila	33
<b>4</b>	João de Deus	38
<b>5</b>	Latino Coelho	40
<b>6</b>	Eduardo Alves de Sá	44
<b>7</b>	Latino Coelho	49
<b>8</b>	Mendes Leal	52
<b>9</b>	Antero de Quental	56
<b>10</b>	Francisco Ferraz de Macedo	64
<b>11</b>	Um levita	67
<b>12</b>	Eça de Queirós	68
<b>13</b>	Camilo Castelo Branco	72
<b>14</b>	Camilo Castelo Branco	77
<b>15</b>	Alexandre Herculano	81
<b>16</b>	Um desconhecido	86

---

<b>Capítulo</b>	<b>Volume 2</b>	<b>Pág.</b>
<b>17</b>	Eça de Queirós	90
<b>18</b>	João de Deus	96
<b>19</b>	Um marinheiro	99
<b>20</b>	Eça de Queirós	101
<b>21</b>	Um desconhecido	104
<b>22</b>	Alves Mendes	107
<b>23</b>	O guia espiritual do Dr. Sebastião de Lemos	114
<b>24</b>	Alves Mendes - A caridade	120
<b>25</b>	Berthelot	125
<b>26</b>	Alves Mendes	133
<b>27</b>	Teresa de Ávila	138
<b>28</b>	Emile Littré	142
<b>29</b>	Allan Kardec	152
<b>30</b>	Frei Bartolomeu dos Mártires	156
<b>31</b>	José Elias Garcia	162
<b>32</b>	Júlio Dinis	168
<b>33</b>	Frei Bartolomeu dos Mártires	174
<b>34</b>	Hintze Ribeiro	177
<b>35</b>	Hintze Ribeiro	184
<b>36</b>	Camilo Castelo Branco	193

---

Capítulo	Volume 3	Pág.
	Dedicatória do autor aos espíritas brasileiros e portugueses	7
	Dedicatória do autor ao Ex.mo Sr. Silva Pinto	8
	Carta do Ex.mo Sr. Silva Pinto	9
	Palavras minhas	11
<b>1</b>	Eça de Queirós	14
<b>2</b>	Eça de Queirós	22
<b>3</b>	Eça de Queirós	34
<b>4</b>	Oliveira Martins	96
<b>5</b>	Júlio Dinis	104
<b>6</b>	Padre António Vieira - A fé	110
<b>7</b>	José Duro	123
<b>8</b>	João de Deus - A rã e o sapo	125
<b>9</b>	José Duro - <i>Sursum corda</i>	129
<b>10</b>	Camilo Castelo Branco	132
<b>11</b>	Alexandre Herculano	141
<b>12</b>	Alexandre Herculano	145
<b>13</b>	João de Deus	148
<b>14</b>	Leão XIII	157
<b>15</b>	Victor Hugo - A humanidade	163
<b>16</b>	Antero de Quental - À morte	180
	Antero de Quental - Deus	182

---

<b>Volume 4</b>	<b>Pág.</b>
Prefácio de Fernando de Lacerda (recebido pelo médium J. C.)	5
Uma explicação	9
Eça de Queirós	11
Almeida Garrett	16
Antero de Quental - Luz	23
Eça de Queirós - Boas Festas?	24
Alves Mendes	29
Silva Pinto	36
Fialho de Almeida	50
Silva Pinto	57
Fialho de Almeida	67
Fialho de Almeida	73
Eça de Queirós	76
Eça de Queirós	80
Emygidio Júlio Navarro	85
José Basílio da Gama	89
Michelet	92
Carlos Lobo de Ávila	93
Hintze Ribeiro	96
Padre António Vieira	99

---

<b>Volume 4</b>	<b>Pág.</b>
Alexandre Herculano	108
Hintze Ribeiro	113
Alexandre Herculano	116
Eça de Queirós	120
Júlio Dinis	125
Victor Hugo	129
Manuel Moreira Feio	139
Fialho de Almeida - Ontem e hoje	141
Antero de Quental - Remorso	150
Antero de Quental - A vida	153
Antero de Quental - Luz	154
Fialho de Almeida	155
Leão Tolstoi	167
Antero de Quental - Ciência	173
Antero de Quental - <i>Plus ultra</i>	174
Eça de Queirós	175
Silva Pinto	184
Silva Pinto - Daqui da eternidade	194
João de Deus - Deus	201
Júlio Dinis	205
Eça de Queirós	208

---

<b>Volume 4</b>	<b>Pág.</b>
Alexandre Herculano - O progresso	212
Júlio Dinis - Ano Novo!	217
Camilo Castelo Branco	224
Artur Azevedo	230
Júlio César Machado	238
Fialho de Almeida	243
Alexandre Herculano	250
Eça de Queirós	256
Eça de Queirós	260
Silva Pinto	264
Teresa de Ávila	267
Dom Pedro de Alcântara	269
Júlio Dinis - A noite de Natal em Portugal	274
Alexandre Herculano	279
Alexandre Herculano	284
Visconde de Ouro Preto	289
Teresa de Ávila	293
Teresa de Ávila	294
Júlio Dinis	298
Júlio Dinis	299

## Índice por autor

### Nota prévia

Apresenta-se aqui um índice de autores da obra *Do país da luz*. Faltava a esta obra genial este tipo de índice, que facilita ao leitor a consulta das mensagens do mesmo autor espiritual.

<b>Autor</b>	<b>Vol.</b>	<b>pág.</b>
Alexandre Herculano	v.1	95
Alexandre Herculano	v.2	81
Alexandre Herculano	v.3	141
Alexandre Herculano	v.3	145
Alexandre Herculano	v.4	108
Alexandre Herculano	v.4	116
Alexandre Herculano - O progresso	v.4	212
Alexandre Herculano	v.4	250
Alexandre Herculano	v.4	279
Alexandre Herculano	v.4	284
Allan Kardec	v.2	152
Almeida Garrett	v.4	16
Alves Mendes	v.2	107
Alves Mendes - A caridade	v.2	120
Alves Mendes	v.2	133

<b>Autor</b>	<b>Vol.</b>	<b>pág.</b>
Alves Mendes	v.4	29
Anónimo - Nota biográfica: Quem era Fernando de Lacerda?	v.1	11
Anónimo - Nota biográfica: Quem era o Dr. Sousa Couto	v.1	48
Antero de Quental	v.2	56
Antero de Quental - À morte	v.3	180
Antero de Quental - Deus	v.3	182
Antero de Quental - Luz <sup>48</sup>	v.4	23
Antero de Quental - Remorso	v.4	150
Antero de Quental - A vida	v.4	153
Antero de Quental - Luz <sup>48</sup>	v.4	154
Antero de Quental - Ciência	v.4	173
Antero de Quental - <i>Plus ultra</i>	v.4	174
António Feliciano de Castilho, Júlio Dinis, Eça de Queirós, João de Deus, Camilo Castelo Branco - A esmola	v.1	129
António Feliciano de Castilho	v.1	147
Artur Azevedo	v.4	230
Berthelot	v.2	125
Camilo Castelo Branco	v.1	64
Camilo Castelo Branco	v.1	81

---

48 Não se trata do mesmo poema, mas de dois sonetos homónimos.

<b>Autor</b>	<b>Vol.</b>	<b>pág.</b>
Camilo Castelo Branco	v.1	90
Camilo Castelo Branco	v.1	93
Camilo Castelo Branco	v.1	102
Camilo Castelo Branco, António Feliciano de Castilho, Júlio Dinis, Eça de Queirós, João de Deus - A esmola	v.1	129
Camilo Castelo Branco	v.1	132
Camilo Castelo Branco	v.2	72
Camilo Castelo Branco	v.2	77
Camilo Castelo Branco	v.2	193
Camilo Castelo Branco	v.3	132
Camilo Castelo Branco	v.4	224
Carlos Lobo de Ávila	v.2	33
Carlos Lobo de Ávila	v.4	93
César Cantu	v.1	135
Dom Pedro de Alcântara	v.4	269
Eça de Queirós	v.1	57
Eça de Queirós	v.1	109
Eça de Queirós	v.1	114
Eça de Queirós, João de Deus, Camilo Castelo Branco, António Feliciano de Castilho, Júlio Dinis - A esmola	v.1	129
Eça de Queirós	v.1	159
Eça de Queirós	v.1	166

---

<b>Autor</b>	<b>Vol.</b>	<b>pág.</b>
Eça de Queirós	v.1	183
Eça de Queirós	v.1	203
Eça de Queirós	v.2	23
Eça de Queirós	v.2	29
Eça de Queirós	v.2	68
Eça de Queirós	v.2	90
Eça de Queirós	v.2	101
Eça de Queirós	v.3	14
Eça de Queirós	v.3	22
Eça de Queirós	v.3	34
Eça de Queirós	v.4	11
Eça de Queirós - Boas Festas?	v.4	24
Eça de Queirós	v.4	76
Eça de Queirós	v.4	80
Eça de Queirós	v.4	120
Eça de Queirós	v.4	175
Eça de Queirós	v.4	208
Eça de Queirós	v.4	256
Eça de Queirós	v.4	260
Edições Luz no Caminho (Braga) - Aos mensageiros espirituais (dedicatória)	v.1	5
Edições Luz no Caminho (Braga) - Apresentação	v.1	6

<b>Autor</b>	<b>Vol.</b>	<b>pág.</b>
Eduardo Alves de Sá	v.2	44
Emídio Júlio Navarro	v.4	85
Emile Littré	v.2	142
Émile Zola	v.1	125
Fernando de Lacerda - Palavras necessárias (prefácio)	v.1	49
Fernando de Lacerda - A minha mãe (dedicatória)	v.1	53
Fernando de Lacerda - Aos meus pequeninos (dedicatória)	v.1	54
Fernando de Lacerda - A... (dedicatória)	v.2	7
Fernando de Lacerda - Ao Dr. José Alberto Sousa Couto (agradecimento)	v.2	8
Fernando de Lacerda - Palavras minhas (prefácio)	v.2	19
Fernando de Lacerda - Aos espíritas brasileiros e portugueses (dedicatória)	v.3	7
Fernando de Lacerda - Ao Ex.mo Sr. Silva Pinto (dedicatória)	v.3	8
Fernando de Lacerda - Palavras minhas (prefácio)	v.3	11
Fernando de Lacerda (médiun J. C.) - Prefácio e Dedicatória	v.4	5
Fernando de Lacerda - Uma explicação	v.4	9
Fialho de Almeida	v.4	50
Fialho de Almeida	v.4	67
Fialho de Almeida	v.4	73
Fialho de Almeida - Ontem e hoje	v.4	141
Fialho de Almeida	v.4	155

---

<b>Autor</b>	<b>Vol.</b>	<b>pág.</b>
Fialho de Almeida	v.4	243
Fontes Pereira de Melo	v.1	170
Francisco Ferraz de Macedo	v.2	64
Frei Bartolomeu dos Mártires	v.2	156
Frei Bartolomeu dos Mártires	v.2	174
Guia Espiritual do Dr. Sebastião de Lemos	v.2	114
Heliodoro Salgado	v.1	71
Hernâni Castro Lopo - Uma verdade... um desejo... um conselho!	v.2	4
Hintze Ribeiro	v.2	177
Hintze Ribeiro	v.2	184
Hintze Ribeiro	v.4	96
Hintze Ribeiro	v.4	113
João de Deus - O país da luz (poema)	v.1	56
João de Deus	v.1	113
João de Deus	v.1	122
João de Deus, Camilo Castelo Branco, António Feliciano de Castilho, Júlio Dinis, Eça de Queirós - A esmola	v.1	129
João de Deus	v.1	155
João de Deus	v.1	182
João de Deus	v.2	38
João de Deus	v.2	96

---

<b>Autor</b>	<b>Vol.</b>	<b>pág.</b>
João de Deus - A rã e o sapo	v.3	125
João de Deus	v.3	148
João de Deus - Deus	v.4	201
José Basílio da Gama	v.4	89
José Duro	v.3	123
José Duro - <i>Sursum corda</i>	v.3	129
José Elias Garcia	v.2	162
Júlio César Machado	v.4	238
Júlio Dinis	v.1	87
Júlio Dinis, Eça de Queirós, João de Deus, Camilo Castelo Branco, António Feliciano de Castilho - A esmola	v.1	129
Júlio Dinis	v.1	189
Júlio Dinis	v.1	207
Júlio Dinis	v.2	168
Júlio Dinis	v.3	104
Júlio Dinis	v.4	125
Júlio Dinis	v.4	205
Júlio Dinis - Ano Novo!	v.4	217
Júlio Dinis - A noite de Natal em Portugal	v.4	274
Júlio Dinis	v.4	298
Júlio Dinis	v.4	299

---

<b>Autor</b>	<b>Vol.</b>	<b>pág.</b>
Latino Coelho	v.2	40
Latino Coelho	v.2	49
Leão Tolstoi	v.4	167
Leão XIII	v.1	192
Leão XIII	v.3	157
Manuel Moreira Feio	v.4	139
Manuel Pinheiro Chagas	v.1	194
Maria Raquel Duarte Santos (F.E.P.) - Abertura	v.1	9
Mendes Leal	v.2	52
Michelet	v.1	177
Michelet	v.4	92
Mousinho de Albuquerque	v.1	197
Napoleão	v.1	76
Oliveira Martins	v.3	96
Padre António Vieira	v.1	185
Padre António Vieira - A fé	v.3	110
Padre António Vieira	v.4	99
Silva Pinto - Carta do Ex.mo Sr. Silva Pinto	v.3	9
Silva Pinto	v.4	36
Silva Pinto	v.4	57
Silva Pinto	v.4	184

---

<b>Autor</b>	<b>Vol.</b>	<b>pág.</b>
Silva Pinto - Daqui da eternidade	v.4	194
Silva Pinto	v.4	264
Sousa Couto - Prólogo	v.1	13
Sousa Couto - Prólogo	v.2	9
Teresa de Ávila	v.2	138
Teresa de Ávila	v.4	267
Teresa de Ávila	v.4	293
Teresa de Ávila	v.4	294
Um desconhecido	v.2	86
Um desconhecido	v.2	104
Um levita	v.2	67
Um marinheiro	v.1	127
Um marinheiro	v.2	99
Victor Hugo	v.1	151
Victor Hugo - A humanidade	v.3	163
Victor Hugo	v.4	129
Visconde de Ouro Preto	v.4	289
Visconde de Seabra	v.1	143

## Bibliografia (fundamental)

KARDEC, Allan, *Codificação espírita*.

LACERDA, Fernando de, (vários espíritos), *Do país da luz*, vol. 1, Edições Luz no Caminho, Braga, 1985, 212 pp.

LACERDA, Fernando de, (vários espíritos), *Do país da luz*, vol. 2, Edições Luz no Caminho, Braga, 1986, 200 pp.

LACERDA, Fernando de, (vários espíritos), *Do país da luz*, vol. 3, Edições Luz no Caminho, Braga, 1987, 184 pp.

LACERDA, Fernando de, (vários espíritos), *Do país da luz*, vol. 4, Edições Luz no Caminho, Braga, 1989, 304 pp.

LACERDA, Fernando de, (coleção de textos diversos), *Mistérios de Além-Túmulo*, Federação Espírita Portuguesa, Portugal, 2014, 685 pp.

MIRANDA, Hermínio, BACCELLI, Carlos, *Fernando de Lacerda*, Edições Luz no Caminho, Braga, 1989, 64 pp.

PEREIRA, Yvonne, (espírito de Camilo Castelo Branco), *Memórias de um suicida*, FEB, 1980, 568 pp.

VASCONCELOS, Manuela, *Fernando de Lacerda, o médium português*, Comunhão Espírita Cristã de Lisboa, Lisboa, 1992, 352 pp.

VASCONCELOS, Manuela, *Movimento Espírita Português e alguns vultos*, Federação Espírita Portuguesa, Portugal, 2013, 518 pp.

## **João José Santos (o autor)**

Nasceu em Lisboa em 15 de Maio de 1958.

Licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professor e escritor.

## **Edições de *La Karavelo***

### **Didácticos**

*Ek al Esperanto!* - de João José Santos

*O esperanto é fixe!* - de João José Santos

### **Narrativas**

*Do desconserto ao concerto* - de João José Santos

*Liberaj tempoj* - de Eduardo Novembro

*Rakontoj por ĉiuj aĝoj* - de Luiza Carol

### **Teatro**

*La tabloj (4 dramas)* - de João José Santos (no prelo)

### **Poesia**

*Mesaĝo* - de Fernando Pessoa (trad. de J. J. Santos)

*La Luzida Etno* - de João José Santos

### **Vídeos**

Zamenhof, um cidadão do mundo - de Djalma Pessata

### **Espiritismo**

Identidade e presença de Camilo Castelo Branco em "*Do país da luz*" - de João José Santos

Catálogo em [www.karavelo.net](http://www.karavelo.net)